



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
CAMPUS XVIII / EUNÁPOLIS/BAHIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

VALTER BÁFICA BONFIM NETO

**CAPOEIRAGEM NO MAIOR POVOADO DO MUNDO: INSERÇÃO DA CAPOEIRA
REGIONAL EM EUNAPOLIS (1975 a 1981)**

Eunápolis- Ba

2021

VALTER BÁFICA BONFIM NETO

**CAPOEIRAGEM NO MAIOR POVOADO DO MUNDO: INSERÇÃO DA CAPOEIRA
REGIONAL EM EUNAPOLIS (1975 a 1981)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.
Orientadora: Prof.^a Mariane Nascimento dos Santos.

Eunápolis- Ba

2021

VALTER BÁFICA BONFIM NETO

**CAPOEIRAGEM NO MAIOR POVOADO DO MUNDO: INSERÇÃO DA CAPOEIRA
REGIONAL EM EUNAPOLIS (1975 a 1981)**

Artigo Monográfico submetido à aprovação do corpo docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XVIII, Eunápolis, como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em História.

Aprovada em: 16/07/2021

Banca Examinadora:

Profª Ma. Mariane Nascimento dos Santos-Orientadora
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Profª Ma. Lorena Michelle dos Santos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Profª Drª Sandra Regina Barbosa da Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus oportunidade de ter feito esse curso e pela força de vontade que me deu para concluir. Todo que tenho foi Deus quem me deu e tudo que sou vem de Deus.

Agradeço aos meus pais pelos ensinamentos, pelo amor incondicional e pelos valores transmitidos, que me tornou hoje ser o homem que sou.

Agradeço a minha esposa que foi incentivadora para a minha inscrição na universidade, que esteve ao meu lado todo esse tempo, me incentivando, me ajudando em todas as situações. Pelo carinho e compreensão durante toda essa jornada acadêmica.

Agradeço aos Mestres Eudochio Reis e Rubenval Marques pelas entrevistas concedidas, por relatarem suas vivências na capoeira. Esse trabalho não se realizaria sem a ajuda deles. E agradecer também ao meu Mestre Irineu Gomes que me deu alguns direcionamentos para seguir a pesquisa e pela paciência por eu não estar presente em algumas aulas durante todo o curso.

Agradeço a minha professora orientadora Mariane Santos, pela generosidade, disposição e paciência demonstrada comigo durante o desenvolvimento deste trabalho. Por ela ter acreditado na minha capacidade para conclusão do curso.

Agradeço aos colegas do curso pelos momentos que passamos juntos e a todos os educadores que contribuíram na minha formação acadêmica.

Por fim, agradeço a todos e todas que direta ou indiretamente ajudaram e torceram por mim.

CAPOEIRAGEM NO MAIOR POVOADO DO MUNDO: INSERÇÃO DA CAPOEIRA REGIONAL EM EUNÁPOLIS (1975 a 1981)

Valter Báfica Bonfim Neto

RESUMO: A pesquisa em História modifica -se ao passar do tempo, essa constatação é resultado de estudo de intelectuais franceses criadores da escola dos Annales Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929. O estudo das fontes ampliou, novas abordagens inseriu os sujeitos como autores de suas próprias histórias, tornando-os sujeitos históricos, trajetórias que foram passadas de geração para geração através da oralidade, a história é contada a partir de seus personagens, proporcionando os indivíduos se verem como construtores da sua própria História. O presente trabalho de pesquisa se estabelece pela necessidade de dar voz a capoeira, aos sujeitos nela envolvidos e aos primeiros Mestres no município de Eunápolis. A pesquisa desenvolvida está no âmbito da investigação qualitativa e caracteriza como descritiva e foi baseada em entrevistas com os antigos Mestres de capoeira. O método fundamental na construção dessa pesquisa foi História Oral. A questão central da pesquisa é estudar a inserção da primeira academia de capoeira, como ocorreu o processo de implantação da capoeira. A delimitação deste recorte temporal de 1977 a 1981, se dá por causa da chegada e da partida do primeiro Mestre que atuou em Eunápolis. Para auxiliar na reflexão utilizou-se de autores que consideramos fundamentais, como Paul Thompson, Verena Alberti, Paul Ricoeur, Alessandro Portelli, Jacques Le Goff, Eclea Bosi, Marta Abreu, Clifford Geertz, Raymond Williams, Edward Shils.

Palavra-chave: Eunápolis – Capoeira - Mestres

ABSTRACT: Research in History changes over time, this finding is the result of a study by French intellectuals who created the Annales Marc Bloch and Lucien Febvre school in 1929. The study of sources expanded, new approaches inserted the subjects as authors of their own stories, trajectories that were passed from generation to generation through orality, the story is told from its characters, allowing individuals to see themselves as builders of their own history. This research work is established by the need to give voice to capoeira, the subjects involved in it and the first Mestres in the city of Eunápolis. The research developed is within the scope of qualitative investigation and characterizes as descriptive and was based on interviews with former Mestres of capoeira. The fundamental method in the construction of this research was Oral History. The central question of the research is to study the insertion of the first capoeira academy, as the process of implantation of capoeira took place. The delimitation of this time frame from 1977 to 1981 is due to the arrival and departure of the first Mestre who worked in Eunápolis. To help in the reflection, authors considered fundamental, such as Paul Thompson, Verena Alberti, Paul Ricoeur, Alessandro Portelli, Jacques Le Goff, Eclea Bosi, Marta Abreu, Clifford Geertz, Raymond Williams, Edward Shils, were used.

Keyword: Eunápolis – Capoeira – Mestres

INTRODUÇÃO

Existem várias teorias quanto às origens da capoeira, há três correntes que dividem suas opiniões: Afro-brasileira, africana e a brasileira. Nesta pesquisa acredita que a capoeira desenvolveu no Brasil no período colonial, quando vários povos africanos foram trazidos para serem escravos. Grande parte do que se sabe hoje sobre a capoeira praticada pelos escravos foi transmitido pelas gerações de forma oral, visto que a documentação à época da escravidão foi queimada por Rui Barbosa, Ministro da Fazenda no governo de Deodoro da Fonseca.¹

A capoeira tornou-se conhecida em terras brasileiras como Arte, dança, luta, símbolos e significados, ao longo dos tempos a capoeira sofreu perseguições, proibições, discriminação, preconceito, racismo por parte de muitos que se sentiam ameaçados com o fortalecimento dela. Em 1929 com a queda da Bolsa de Nova Iorque e a crise do capitalismo o Brasil viveu um momento de efervescência das classes sociais.

Com a entrada de Getúlio Vargas no governo, medidas foram tomadas para alcançar a simpatia popular, foram liberadas uma série de manifestações populares. Para tal, Getúlio Vargas convidou Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, para uma apresentação no Palácio do Governo, Getúlio Vargas permitiu a abertura da primeira academia de capoeira.

Este projeto de pesquisa estuda Capoeira Regional. A chamada “Capoeira Regional” criada por Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, como ficou conhecido no mundo da capoeira. Mestre Bimba inova no ensino da capoeira, criando um método de repetição e sequências de golpes, chamadas de Sequências de Mestre Bimba.²

O período que compreende a análise foram os anos de 1977 a 1981. Foi elaborado o presente projeto com o objetivo de narrar à inserção da Capoeira Regional no município de Eunápolis e a partir do ano de 1977 com a chegada do primeiro Mestre de capoeira, quando Eunápolis ainda era um povoado, que de acordo com os discursos político era o maior povoado do mundo. Conforme a Revista Veja de 1978: “Eunápolis, extremo sul da Bahia: ‘o maior povoado do mundo’ não é município mais tem duas prefeituras”.³ A área urbana de Eunápolis era ocupada por dois municípios até 1988, Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro.

¹Site oficial. Fundação casa de Rui Barbosa. Queima de arquivo. Disponível em:<http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_FranciscodeAssisBarbosa_Apresentacao_livro_RuiBarbosa_queima_arquivos.pdf> Acesso em: 22 de dez. 2019

²Site sobre a História a história da capoeira. Mestre Bimba. Disponível em:<https://www.capoeiramestreimbiba.com.br/mestre_bimba.html>. Acesso em: 20 de jun. 2018

³O povoado sem sorte. Cidades. *Revista Veja* 28/11/1978

Antes de se chamar Eunápolis, era antigo povoado de Ibiapina que em tupi-guarani significa ‘terra-limpa’; ‘terra-pelada’ ou ‘terra sem vegetação’ O povoado também era chamado de Nova Floresta, “64” e Ponto dos Quatro.⁴

O método fundamental na construção dessa pesquisa foi História Oral. Os autores que nos auxiliara no tratamento dos depoimentos orais foram: Paul Thompson (1992), Verena Alberti (2005), Ricoeur (1995), Portelli (2001), Hampâté Bâ (2003), autores que discutem a História Oral como metodologia indispensável. A visão desses autores sobre a História Oral enquanto metodologia contribui de forma significativa na construção dessa pesquisa, na ausência documentação escrita sobre a capoeira em Eunápolis no período pesquisado.

A história oral, é capaz de lembrar o passado como testemunha do que viveu, nesse sentido a presença do passado faz com que o indivíduo traga consigo às suas memórias para que o pesquisador possa entrevistar pessoas que participaram como atores ou testemunhas.

A história oral possibilita pesquisas do conhecimento vivido pelos sujeitos histórico. O vivido fica guardado em particular com indivíduo e ao longo da entrevista isso vai se tornando público. A metodologia aplicada será de análise, os procedimentos a serem realizados será entrevista semiestruturadas com dois Mestres: Eudochio Reis e Rubenval Marques.

Como aporte teórico Jacques Le Goff que discute as significações da memória na obra História e Memória. A memória ocupa na sociedade um papel de muita importância na sociedade e de muita relevância para que os pesquisadores compreendam o contexto social que está inserido, os acontecimentos e as culturas passadas por gerações através do saber histórico.

Na perspectiva de memória foi utilizado a obra de Paul Thompson, com sua obra A voz do passado que evidencia a importância das fontes orais para a maior compreensão da história local, também Eclea Bosi, Memória e Sociedade em que consiste em apresentar o passado de uma cidade através dos moradores mais velhos que simbolizam a ligação entre o tempo presente e um passado. Na perspectiva de cultura: Marta Abreu, Clifford Geertz e para tradição Raymond Williams, Edward Shils.

Esta pesquisa traz uma significativa contribuição para divulgação da história do Município de Eunápolis e a história da capoeira, podendo colaborar para o estudo da História

⁴Blogue da Jornalista Rose Marie. Eunápolis 67 anos de fundação. Disponível em:<<https://www.blogdarosemarie.com/2017/11/04/eunapolis-67-anos-de-fundacao-uma-cidade-com-o-coracao-na-estrada/>>. Acesso em: 01 de jul. 2019

local, e muito importante também para a reprodução da capoeira, essa manifestação cultural que ganhou seu lugar nesta cidade, pode proporcionar aos alunos ou em pesquisadores, o interesse pela pesquisa. No aspecto acadêmico poderá subsidiar novas pesquisas institucionais de educação, educação física, arte, cultura, e no aspecto político, diversas ações poderão ser desenvolvidas junto aos órgãos públicos, para melhorar relações entre os capoeiristas e o Estado.

Este artigo foi estruturado em três sessões com intuito de responder os objetivos específicos propostos na pesquisa:

Na primeira sessão, analisamos a história do município de Eunápolis, como foi seu surgimento, quais as pessoas envolvidas, como era esse povoado que já era considerado o maior povoado do mundo antes mesmo de se tornar município, quais as consequências de sua emancipação e quais os contextos políticos, sócias e econômico da época.

Na segunda sessão, propusemos estudar a capoeira regional no Brasil, para estabelecer uma relação com o município de Eunápolis nas décadas de 1975 e 1985. Narrar a história da chegada do primeiro Mestre de capoeira no antigo povoado, como se deu o processo de inserção da capoeira na cidade que hoje é denominada de Eunápolis. Em qual local funcionavam as aulas? Como funcionavam? As dificuldades e possibilidades encontradas por ele a inserir essa arte cultural, como assim também podemos considerar.

Na terceira sessão será abordado de forma a investigar a vida da primeira geração de Mestres da capoeira formados em Eunápolis, suas contribuições e desafios na inserção da capoeira regional em Eunápolis e como auxiliaram também na perpetuação e para o registro da história da capoeira regional no município de Eunápolis.

CONTEXTO SOCIAL, CULTURAL E HISTÓRICO DA CIDADE DE EUNÁPOLIS NAS DÉCADAS DE 70 E 80

A cidade de Eunápolis surgiu a partir de um povoado formado por terras de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, isso depois da grande disputa entre as duas cidades, com relação ao controle do povoado de Eunápolis.⁵

Santa Cruz Cabrália Bahia, município histórico localizado na atual Costa do Descobrimento, conta com grandes áreas de preservação, belas praias, ilhas, grandes

⁵ RIBEIRO, Geraldo Magela. *Eunápolis de mata a cidade*. Eunápolis-BA, 1998, p. 20.

manguezais, sítios arqueológicos, aldeias indígenas, recifes de corais, zonas para turismo e com belos hotéis para acomodação.

Porto Seguro Bahia, também localizado na atual Costa do Descobrimento, onde o turismo é forte e roteiro procurado por turistas brasileiros e estrangeiros, conta com belíssimas praias, que devido as suas riquezas naturais, históricas e culturais, é conhecida nacional e internacionalmente. Porto Seguro está localizada em um alto morro, atualmente patrimônio tombado pelo IPHAN. Sua instalação estratégica serviu para que a coroa pudesse se proteger contra-ataques e roubos das riquezas da época. De acordo com Almeida (1998), essa cidade em questão surge como a necessidade de defender os territórios descobertos, preocupação essa por conta que alguns países da Europa que cobiçava essa terra que por sua vez era rica em madeiras.

A cidade De Eunápolis de acordo com o livro *Eunápolis em prosas e versos (1999)* do professor Raimundo Rodrigues Silva⁶. Moises Reis era funcionário no setor de topografia da secretaria de viação e obras públicas, em 1944 ficou responsável para fazer todo levantamento da estrada que liga de Itapebi ao Rio Buranhém. O engenheiro que ficava na incumbência da obra que tinha como o financiador o Instituto do Cacau da Bahia e o responsável pela engenharia das estradas era Dr. Nelson Batista, como finalidade estratégica militar, a construção dessa estrada não podia ter menos que 60 km de distância e mais que 70 km, pois nessa década 40 era ainda recente o fim da Segunda Guerra mundial e alguns navios alemães rodeavam o litoral brasileiro, e como proteção contra os ataques dos inimigos, estas seriam as distancias que estavam em segurança. Depois de fazer o levantamento das estradas, volta fazendo a locação, nesse trecho e no ano de 1948, os garimpeiros que faziam o trecho de Jequitinhonha/Burahém, estabelecem o KM 64.

Os garimpeiros fizeram de sua referência o entroncamento que se formou com o encontro das duas estradas, cabanas e barracos foram construídos e começaram a formar um povoado e assim nasceu a BA 2, BR 5, hoje BR 101. No meio do entroncamento dessas duas estradas, onde atualmente se pode achar a rua Pedro Alvares de Cabral, os habitantes deram o nome de Nova Florestas, esse nome se manteve até a chegada do Padre Emiliano Gomes Pereira, pároco de Porto Seguro, que acabou batizando o povoado de Ibiapina que na língua tupi guarani tem o significado de terra corrida.

Em 1950 o engenheiro Dr. Eunápio Peltier Queiroz, secretário de viação e obras do Estado da Bahia, chega em uma comitiva para a inauguração do trecho construído e acabou

⁶ SILVA, Raimundo Rodrigues. *Eunápolis em prosas e versos*, 1999

prometendo ao povo 100 hectares de terra, propriedade de Ivan Moura e acabou rolando rumores de que o pagamento nunca foi feito.

Feita a construção da BR 364 que liga Porto Seguro ao Ponto dos Quatro, nome que também era chamado o entroncamento, caminhoneiros da época traziam peixe e retornavam com alimentos da região, dando assim, espaço para em 1950 abrir o 1º comercio do povoado, onde hoje é situada a Avenida Porto Seguro. Conclui-se a estrada com a chegada da empreiteira Emerge, comandada pelo engenheiro Antônio Gonçalves Gravata Filho. Em 5 de novembro de 1950, 300 homens trabalharam incansavelmente para construírem galpões e barracões, é nesse local que nasce Eunápolis, no dia 21 desse mesmo mês, e uma cruz é plantada para que celebrações das missas, onde atualmente é a Praça da Bandeira. Dia 05 de novembro 1950 foi realizada a primeira missa, pelo Padre Emiliano Gomes Pereira que sob os pés da cruz de madeira, profetizou o nascimento de uma nova cidade do extremo Sul da Bahia e a batizava como Nova Floresta. Uma grande estiagem secam as pastagens e lavouras e a cidade de nova floresta, passa por um momento de crise, graças a ampliação da BA 2 e BA 5, o acesso a Itabuna facilitou as coisas em relação ao comércio e essa inauguração que foi no dia 2 de Julho de 1953, contaram com a presença de Dr. Eunápio Peltier de Queiroz, sua comitiva, o prefeito de Porto Seguro Dr. Armando Ribeiro Carneiro e vários vereadores, houve homenagem ao Dr. Eunápio Peltier de Queiroz, feito por Wanderley Nascimento e o engenheiro e construtor do trecho entre Mundo Novo e 64, declarou junto a Wanderlei Nascimento, a troca do nome de Ibiapina por outro nome, que em 27 de julho de 1953 passou a ser nome de Eunápolis, uma homenagem ao Dr. Eunápio Peltier de Queiroz

Nesse mesmo ano, chega Dr. Dermeval Gusmão com a Bahia construtora para as obras da BR 101, com seus próprios tratores abre ruas e avenidas facilitando assim, moradia para o povo e até mesmo para seus funcionários, terras essas, que eram propriedade do Ivan Moura, onde atualmente é situado o bairro Dr. Gusmão.⁷

Em 1959, o distrito policial de Eunápolis é criado, Teonesto Sales é nomeado 1º suplente e Juventino Salomão, o 2º suplente e o subdelegado Valdivio Gonçalves Costa. A primeira igreja é construída, em 1959, por Luiz Carlos Vaz, na rua Dr. Gravatá com a rua da colônia. Também faz parte da história no esporte, Araújo Santana (Araújo), o professor Jairo Pereira e Itamar Pereira Seixas, que foram grandes nomes na área desportiva.

O primeiro a ocupar terras foi o "posseiro" Joaquim "Quatro", que chegou ao povoado em 1944, foi um dos primeiros moradores da região. Ele tirou grande parte de terras, terras

⁷ Idem

essas que mais tarde o Senhor Ivan Moura, que trabalhava na construção do “Ramal”, juntamente com dois irmãos comprou cerca de 1500 ha do referido posseiro, regularizando as terras junto ao governo do estado, em 1951.⁸

Portanto, o povoado foi organizado a princípio em terras devolutas. O Sr. Ivan Moura, depois de legalizar as terras junto ao estado, em seu nome e de seus dois irmãos, passou a solicitar a desocupação da área onde tinham sido edificadas os barracos dos moradores do povoado do Km 64. A situação ficou muito tensa em 1954, o Dr. Eunápio Peltier de Queiroz, secretário de Viação e Obras do Estado da Bahia, que estava no povoado para fiscalizar as obras da BA-2 (atual BR-101), resolveu comprar 100 hectares terra para assentar a população do povoado. Depois de longa negociação com o Sr. Ivan Moura, proprietário das terras, foi fechado um acordo no valor de CR\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros), o Dr. Eunápio Peltier de Queiroz encarregou o Sr. Samuel Lima e o Sr. Antônio Ribeiro para a distribuição dos lotes à população e de traçarem e limparem os quarteirões e as ruas, garantindo a organização do povoado. De início, tudo correu muito bem, com tranquilidade e de forma pacífica, até o Sr. Ivan Moura tentar reaver os 100 hectares, arrependendo-se da venda, pois o recibo passado continha irregularidades.⁹

A população cobrava a legalização e o reconhecimento da compra dos 100 hectares, que o ex-proprietário passou a negar. Os 100 hectares, já demarcados pelo técnico Moisés Reis, outras áreas foram invadidas, acirrando ainda mais o confronto que já fazia parte de um grande jogo de interesses políticos, o que dificultou a resolução do problema, que perdura até a atualidade. Hoje na cidade, áreas na hora de escriturar, tem que ser negociada a junto a imobiliária dos Mouras, já que boa parte da população não tem a documentação do terreno.¹⁰

O rápido crescimento demográfico contribuiu para que as terras fossem sendo ocupadas de forma ilegal e desorganizada. Os conflitos de terra entre os limites dos povoados de Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro vai ser marcada por divisões de limites de território que ocasionou no município de Eunápolis, grande dificuldade no desenvolvimento econômico, já que Eunápolis não capitava recursos, pois na divisão territorial, 80% das terras pertenciam a Santa Cruz Cabrália, enquanto o município de Porto Seguro ficava os 20% restante.¹¹

Em conversa informal com o Sr. Valter Báfica Bomfim, ele conta sobre a sua chegada a Eunápolis em 1955, proveniente de Santa Cruz Cabrália onde na época era vereador de 1955

⁸ RIBEIRO, Geraldo Magela. *Eunápolis de mata a cidade*. Eunápolis-BA, 1998

⁹ Idem

¹⁰ Idem

¹¹ *Plano Diretor Urbano de Eunápolis*, Volume síntese. Salvador, 1977, p.7.

a 1965, também exercia o cargo de juiz de paz, foi contador interino de 1949 a 1953 e estivador de 1962 a 1969, afirma que veio a mando do então prefeito do município Santa Cruz Cabrália, o Prefeito Municipal Sidrach Carvalho, na missão de esclarecer onde seriam os limites do município e geri-lo, já que o povoado de “64” atual Eunápolis, estava situado parte em Santa Cruz de Cabrália e parte em Porto Seguro o que gerou um litígio entre os dois municípios que almejaram a administrar o promissor município, segundo Valter Báfica Bonfim, era constante pessoas de Porto Seguro tentando invadir as terras de Santa Cruz Cabrália e quando invadiam, eram expulsos.

No ano de 1978 o município de Eunápolis enfrentava grandes problemas urbanos, segundo a reportagem da revista Veja de 1978, Eunápolis era “*o povoado sem sorte que pertence a dois municípios e não é servido por nenhum.*”¹² A reportagem narra ainda que os dois prefeitos se acusam mutuamente de boicotar a emancipação, enquanto o secretário de planejamento do estado, Edson Pitta Lima, responsabiliza ambos. Segundo a Revista Veja, uma pesquisa realizada pelo governo do Estado em 1975, aponta que dos 6.874 imóveis existentes no povoado, somente 32% das casas tinham luz elétrica, a água encanada era para poucos, não tinha sistema de esgotamento sanitário e nem coleta de lixo. Os poucos hospitais eram privados, o posto Funrural que fazia atendimento para os associados do sindicato dos trabalhadores rurais de Santa Cruz Cabrália e um Posto de Saúde do Estado, ambos tinham funcionamento duvidoso e não faziam atendimento completo. Sem saneamento básico, com a saúde precária e sem condições financeiras, o índice de mortalidade infantil cresceu muito na década de 70. A pesquisa aponta que nos meses de agosto, setembro e outubro de 1975, das 74 pessoas sepultadas no cemitério de Eunápolis, 38 eram crianças com menos de 10 anos de idade e destas 20 tinham entre 1 dia e 12 meses.

A segurança pública enfrentava dificuldades pela falta de estruturas, o delegado da polícia militar não contava com a estrutura mínima, como veículo e tinha que correr a pé atrás de ladrões de automóveis, pois não havia viatura de polícia, outro problema encontrado pela população, era educacional, pois de acordo com a mesma pesquisa apesar de 61% da população ter menos de 21 anos, poucos podiam frequentar escolas, pois as duas únicas escolas de segundo grau eram particulares. A comunidade na época tenta resolver seus próprios problemas, como por exemplo a Associação Rotary Clube se empenha em fazer uma campanha para acabar com o lixo das ruas, a Organização Internacional de Clubes o Lions

¹² Cidade. *O povoado sem sorte, Desventuras de Eunápolis, que pertence a dois municípios e não é servido por nenhum.* Revista Veja, Editora Abril, nº 534, 28/11/1978. p. 67.

Clube promove arrecadação de fundos para construção de um abrigo para idosos, as duas lojas maçônicas esperavam comprar uma viatura para a polícia.

A Igreja Batista Canaã também contribuiu para desenvolvimento social do povoado. Foi fundada no ano de 1974, anos depois já contava com trabalhos da Sociedade Feminina Missionária que dava assistência social a pessoas necessitadas, distribuindo semanalmente alimentos, roupas, medicamentos etc. As doações desses objetos para a igreja eram feitas pelos seus integrantes e pelo comércio e indústria local.¹³

Em 09 de Março de 1988 essa mesma Igreja tenta se articular com o governo federal, em especial a Primeira-Dama Marly Sarney para dar prosseguimento aos projetos de assistência para o município, abaixo carta enviada por Valter Báfica Bonfim, com objetivo de adquirir recursos:

Eunápolis, 09 de março de 1988

Ilma. Sra.

D. Marly Sarney

M.D. Pte. Da L.B.A

D.F. – Brasília - Brasil

Prezada senhora

Peço vênha para dirigir-me a V.Sa. e participar o seguinte: A Igreja Batista Canaã situada à Rua 02 de Julho nº 302 – Centro – Eunápolis- Bahia, da qual sou membro e Vice moderador, vem desenvolvendo nesta cidade e região, a propagação do Evangelho em obediência à palavra de Deus, exarada no Evangelho segundo S. Marcos Capítulo 16 verso 15, quando Jesus Cristo disse: Ide a todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Pois bem, além desse trabalho que é primordial, a igreja tem dentre suas organizações internas, Sociedade Feminina Missionaria que da assistência social, distribuindo semanalmente alimentos, roupas, medicamentos, etc. a pessoas reconhecidamente necessitadas. As doações desses objetos à igreja são feitas pelos seus integrantes e pelo comércio e indústria local.

A igreja agora está empenhada na construção de uma creche, um orfanato e o lar dos velhinhos, em uma área de 10.000 M2. Que lhe foi doado pelo fazendeiro SR Moises Reis. Para a construção dessa obra de tão grande valor e manutenção da mesma, a igreja não dispõe de recursos, entretanto se sente impedida a realizá-las, pois é de imperiosa necessidade.

Quem sabe? Nós poderíamos contar com o apoio e a presença de recursos da L.B.A. tão bem dirigida pela Ia. Dama deste nosso grande Brasil. Estamos acompanhando através do rádio o magnífico trabalho que essa instituição vem fazendo por toda a parte, graças a inteligente orientação no nosso líder Pte. Sarney

Esta igreja espera contar com o apoio da L.B.A e nós gostaríamos de receber em breve uma palavra de orientação sobre como devemos proceder para a canalização de recursos.

Na esperança de uma resposta breve e satisfatória, antecipamos os nossos mais sinceros agradecimentos, subscrevendo – nos Cordialmente.

Valter Báfica Bonfim - Vice moderador

¹³ Carta enviada pelo Vice Moderador da igreja Batista Canaã, o Senhor Valter Báfica Bonfim em 09 de março de 1988 para Marly Sarney, esposa do Presidente José Sarney. Que era a presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA) com finalidade de captar recursos para construção de uma creche, um orfanato e um lar de idosos.

O pedido foi recebido pela secretaria e encaminhado para ser examinado e tomar as devidas providências. Segundo a correspondência enviada para igreja Batista Canaã:

Brasília, 23 de março de 1988.

Igreja Batista Canaã,
A pedido de D. Marly Sarney acuso recebimento de sua correspondência datada de 09.03.88 e informo que o assunto foi encaminhado, através da SP/840, para exame e demais providencias, a (o) Legião Brasileira de Assistência – LBA.

Cordialmente,

Walinda Carvalho de Oliveira
Secretária Particular da Primeira Dama

A Igreja Batista Canaã, também já contava com uma escola e no ano de 1988 mandou uma carta para o Ministério da Educação e Cultura (MEC), para adquirir recursos a fim de ajudar nas despesas: Correspondência que dizia:

Eunápolis-Bahia, 09 de março de 1988

Exmo.Sr.
Ministro da Educação e Cultura
Ministério da Educação
D.f. Brasília- Brasil
Senhor Ministro.

Temos a grata satisfação de comunicar a V. Excia. Que a Igreja Batista Canaã situada à Rua 02 de Julho nº 302 - Centro – Eunápolis Bahia, está funcionando nesta cidade um colégio Evangélico sob a denominação EDUCANDÁRIO BATISTA DE EUNAPOLIS. Dispomos de um prédio com sete amplas salas com entradas independentes, além de uma considerável área aberta para lazer.

Para a criação e manutenção desse Colégio, esperamos contar com o apoio do MEC e especialmente de V. Excia.

Atenciosamente.
Valter Báfica Bonfim
Vice Moderador

Podemos perceber uma grande intenção em divulgar Eunápolis na mídia na década de 70, nesse período foi um momento de rápido desenvolvimento no processo de extração de madeira, setores como o comércio e serviços, o povoado prosperou mais que os municípios a que pertencia, a ponto de sediar a administração de ambas as cidades¹⁴, o que provocou um rápido crescimento da população, onde surge a frase: Eunápolis “o maior povoado do mundo”. O orgulho de sua gente e a vontade de ver sua terra crescer transformou a frase num slogan que todos passaram a pronunciar. O povoado era notícia em revistas, jornais e TVs de

¹⁴ Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/eunapolis/historico>>. Acesso em: 07 de novembro. 2020

estado até do país, como o povoado que mais crescia, como também por sua violência e invasões de terra.¹⁵ Como vemos também a Revista Veja de 1978, o seguinte trecho:

Encravado no centro da região madeireira e equiparado às dezessete principais cidades baianas, Eunápolis não é um município, apesar de ter duas prefeituras- a de Porto Seguro, a 64 quilômetros, e a de Santa Cruz de Cabrália, a 85. É, como dizem seus habitantes, o maior povoado do mundo, só igualando por um não identificado, mas sempre citado congênere chinês. (Revista Veja, 28/11/1978. p. 67) ¹⁶

A cidade de Eunápolis era um povoado que desde o início já se apresentava como promissor para o desenvolvimento, não ato que duas administrações, Porto Seguro e Cabrália, disputavam seu território e arrecadação. Eunápolis foi um povoado que chegou a arrecadar mais impostos que as próprias sedes.

Grandes nomes foram essenciais para o seu surgimento de Eunápolis e em especial o engenheiro Dr. Eunápio Peltier Queiroz que comprou 100 hectares terra para assentar a população que constituía o povoado.

Na década de 70 o município de Eunápolis enfrentava grandes problemas urbanos, e era a própria população que tentava resolver alguns desses problemas. Como por exemplo a Associação Rotary Clube que se empenha em fazer campanhas para acabar com o lixo das ruas; a Organização Internacional de Clubes o Lions Clube promovia arrecadação de fundos para construção de um abrigo para idosos; as duas Lojas Maçônicas se organizava a fim de comprar uma viatura para a polícia;¹⁷ e A Igreja Batista Canaã que contava com trabalhos da Sociedade Feminina Missionária que dava assistência social a pessoas necessitadas, distribuindo semanalmente alimentos, roupas, medicamentos, etc. As doações desses objetos para a igreja eram feitas pelos seus integrantes e pelo comercio e indústria local.

CAPOEIRA REGINAL COMO IDENTIDADE CULTURAL DE EUNÁPOLIS.

Seguindo a trajetória da capoeira no Brasil, não podemos afirmar um período específico da sua criação. Devido à falta de material escrito sobre o seu início, pesquisadores

¹⁵Instituto Municipal de Administração Pública. Disponível em: <
<http://www.camara.eunapolis.ba.io.org.br/historia#>>. Acesso em: 01 de novembro. 2017.

¹⁶ Revista Veja, Editora Abril, nº 534, 28/11/1978. p. 67

¹⁷ Idem

da área da capoeira não conseguiram chegar a uma concordância quanto à sua origem. Está pesquisa defende a ideia de uma capoeira criada por escravizados em solo brasileiro (CAMPOS, 2001).¹⁸ Essa é uma hipótese defendida por Vicente Ferreira Pastinha, mais conhecido como mestre Pastinha, maior representante da capoeira de angola, juntamente com Camaféu de Oxossi, Gato Preto, Roberto Satanás, Gildo Alfinete e João Grande, após realizarem uma viagem para o Festival Mundial das Artes Negras em Dakar, Senegal em 1966. Foram demonstrar a capoeira em solo africano e não encontrou nenhuma modalidade de capoeira, só algumas danças que tinham uma certa semelhança, mais os povos locais não consideravam como capoeira¹⁹. Outra hipótese para justificar essa ideia, seria a falta de nomenclatura africana nos movimentos da capoeira, como no candomblé, por exemplo. E para ratificar a hipótese da capoeira criada no Brasil, é o fato da capoeira não ter sido desenvolvida em nenhum outro país que teve escravidão dos negros trazidos do continente africano.

Existe referências históricas pesquisadas por diversos historiadores, que se empenharam a explicar sobre a origem da capoeira em diversos períodos. De acordo com Vieira:

O vocábulo Capoeira, foi registrado pela primeira vez no Brasil, em um livro de gramática guarani, de autoria do padre José de Anchieta, em 1595, intitulado: A arte da Gramática da língua mais usada na Costa do Brasil, onde para dar um exemplo de concordância verbal, o autor cita a seguinte frase: Os índios Tupi-Guarani se divertiam jogando capoeira. (VIEIRA, 1997 p.25)²⁰

Foi encontrado pelo jornalista Nireu Cavalcanti²¹, em 1789 o que se refere à libertação de um negro chamado Adão, preso nas ruas do Rio de Janeiro com à prática da capoeiragem, no qual mostra a repressão que acontecia antes mesmo da criminalização da capoeira, em 1890, durante o governo de Marechal Deodoro da Fonseca.

A capoeira tornou como arma nos pés de quem a praticava, um capoeirista facilmente levava vantagem de um capitão do mato ou até mesmo um soldado armado. Os seus praticantes eram muito perseguidos tanto na Bahia, como no Rio de Janeiro. O código penal do Império que entrou em vigor a partir de 1821, várias portarias para proibir a prática da capoeira foram criadas. Sergio Vieira expõem que a “DECISÃO de 31 de outubro de 1821:

¹⁸ CAMPOS Hélio *Capoeira na universidade: Uma trajetória de resistência*. – Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.

¹⁹ Disponível em: < <http://velhosmestres.com/br/pastinha-1966>>. Acesso em: 07 de Nov. 2020

²⁰ VIEIRA Sergio Luiz de Souza, *Capoeira - Matriz Cultural Para Uma Educação Física Brasileira*. – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 1997.

²¹ CAVALCANTI, Nireu Oliveira. *Crônicas históricas do Rio Colonial*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira/FAPERJ, 2004.

Determinou sobre a execução de castigos corporais em praças públicas a todos os negros chamados de capoeira” (VIEIRA, 1997 P. 45)

Segundo Josivaldo Pires²², os primeiros anos da República no Brasil foram marcados por muitas medidas que legitimava o novo regime. Qualquer comportamento que fosse contrário a ordem estabelecida era considerado ameaça, nesse sentido era intenso o controle entre a população de classe baixa e principalmente os capoeiristas que eram considerados desordeiros.

Pires ressalta que em Salvador não foi diferente, para as autoridades, as ruas só teriam tranquilidade quando fossem banidos os vagabundos, vadios, capadócios e toda sorte de desordeiros, a exemplo dos capoeira. A Revolta dos Malês, que aconteceu em 1835 na Bahia, tornou ainda mais preocupante a situação de embates entre os capoeira e a polícia configurando a luta por liberdade contra ordem dominante.

Para Soares²³, a capangagem no Rio de Janeiro, em Belém e em Salvador, foi um dos trabalhos assumidos pelos capoeira. Nos processos eleitorais, os capoeiristas eram solicitados por políticos na hora de decidir o pleito eleitoral, essas ações dos capoeiristas como capanga que inspirou, cominou a capoeira como crime.

Com a abolição da escravatura, a capoeira entra no Código Penal (1890), e penalizava criteriosamente mendigos, vadios e capoeiras, vistos como grupos ameaçadores da ordem estabelecida e detonadores da “paz social” da velha República (PIRES 2009 apud FRAGA FILHO, 1996)

No século XX, grandes acontecimentos vão ocorrer na Bahia, Conforme Pires, o ano de 1937 é um marco para a emancipação da capoeira, deixou de crimes do Código Penal brasileiro. As camadas marginalizadas da década de 30, começam a ganhar força, a reivindicar seu lugar, sua identidade, tanto com resistência, como instrumento de luta, com essas resistências dos capoeiristas e todas as suas mudanças culturais, serviram também para legitimar as suas práticas. Na Literatura, pintura e fotografia a capoeira estaria sendo divulgada com características positivas, elevando a cultura afro-brasileira (PIRES, 2009)

Nesta mesma década de 30, estavam estudando sobre o negro no Brasil e dando uma nova significação, nomes como: Edson Carneiro, Gilberto Freyre e Arthur Ramos, substituiu

²² OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil* / Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinheiro Leal. - Salvador: EDUFBA, 2009. 200 p.: il.

²³ SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A negregada instituição*, 1999, LEAL, Luiz Augusto. *Capoeira, boi-bumbá e política no Pará republicano*, 2005, OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes*, 2005.

em suas interpretações, a categoria “raça” pela de “cultura” e logo após a capoeira seria resgatada como cultura nacional a partir das obras de Jorge Amado, Carybé e Pierre Verger. A capoeira foi aceita como elemento da identidade nacional, mas os sujeitos que a pratica não, a ideia de unificação era de embranquecer a sociedade, de negar a existência do negro. Segundo Stuart Hall (2006) a concepção de cultura nacional unificada na maioria das nações foi após um processo de conquista violenta sobre os colonizados, que estabeleceu uma hegemonia cultural sobre eles e que a nação é formada por diferentes classes sociais, etnias e gênero. Desta forma as tentativas de unificar é representar um único povo. Ainda de acordo com Hall (2006) “Na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas; no interior da representação”. Nesse sentido as representações dos sujeitos pós-moderno são transformadas com as formas das relações sociais que os cercam e que se adaptam e é influenciada pela modernização.

Conforme Pires (2009), a década de 30 de foi criada a chamada Capoeira Regional²⁴ e logo em seguida, como resposta a ela, se organiza a capoeira Angola²⁵, ambas, segundo Vieira e Assunção²⁶, foram fruto de uma adequação ou modernização da capoeira, frente a um novo contexto histórico-social. A capoeira estava sendo transformada em objeto de consumo: “a capoeira não é mais a de Besouro, de Mangangá, Samuel Querido de Deus, de Juvêncio, Pastinha e outros, é uma dança feita para turistas, fácil de ver nos mercados (na alta estação) e nas festas do largo”. (VIANNA, 1981, p.28)

A propagação da política nacionalista de Getúlio Vargas, procurava engrandecer produções culturais que contribuísse com o nacionalismo e com o controle dos cidadãos. O governo com objetivo de atingir as massas começa a liberar diversas manifestações populares, tentando mesmo com seu governo ditatorial ter apoio das classes populares. É nesse contexto que a capoeira começa a ganhar legitimidade.

Como afirma Vieira:

A capoeira agora, poderia ser praticada livremente, porém desvinculada de qual quer ato considerado marginal, subversivo ou agitador. Poderia ser apresentada como folguedo nos festejos populares e como espetáculos folclóricos em recintos estipulados. Como luta, deveria ser exercida apenas como defesa pessoal e esporte, praticada em locais fechados e por pessoas consideradas ‘idôneas e de bem’, devendo assim transformar-se em ‘esporte nacional. (VIEIRA, 1997, p. 13)

²⁴ A chamada “capoeira regional” está associada a Manuel dos Reis Machado (1900- 1974), conhecido por mestre Bimba.

²⁵ Quanto à “capoeira angola”, Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), conhecido por mestre Pastinha.

²⁶ ASSUNÇÃO, Mathias R.; VIEIRA, Luiz Renato. *Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira*. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, Universidade Cândido Mendes, n. 34, p. 81-120, 1999.

Conforme Fonseca²⁷ a capoeira que era marginalizada se tornou institucionalizada, passou a ser conhecida como a capoeira criada por Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, como ficou conhecido no mundo da capoeira, nascido em 23 de novembro de 1899, em Salvador, Bahia, era filho de Luiz Cândido Machado, ex escravo, e Maria Martinha do Bonfim, descendente de índios, que iniciou a capoeira com cerca de 12 anos. Mestre Bimba aparece como grande lutador que vencida a todos e enfrentava quem estivesse disposto a desafiá-lo, ele começa a ser conhecido no cenário baiano e, aos poucos, sua fama vai ganhando outras regiões do país. Sua criação, a Luta Regional Baiana, passa a ser chamada de Capoeira Regional pela fama que ele usufruía de grande capoeirista. Em 1932, Bimba ganha uma permissão oficial do então Presidente do Brasil Getúlio Vargas para ministrar suas aulas em uma academia em Salvador, Mestre Bimba vai promover a capoeira como educação física, o Mestre faz uma apresentação a Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, acreditasse que isso também teria contribuído para que a capoeira fosse abolida do código penal. Em 09 de Julho de 1937, a secretaria de educação, saúde e assistência pública da Bahia emitiu certificado de registro, para o funcionamento do centro de cultura física e Capoeira Regional da Bahia, criado por Mestre Bimba. Enquanto os antigos praticantes acusavam Bimba de estar descaracterizando a capoeira, ele considerava sua criação como um resgate de uma capoeira mais combativa, com movimentos mais ágeis e que facilitariam também a defesa pessoal.

A Capoeira Regional se expandiu principalmente como uma modalidade de luta, começou a crescer a ideia de que a capoeira angola não disponibilizava recursos para o enfrentamento, afirmando que as antigas rodas de capoeira, antes do Mestre Bimba, não eram combativas, contudo, para os Mestres mais antigos os lutadores da capoeira angola, tem mais da agilidade, malícia, mandinga, do que da força, mais que é uma luta e luta violenta²⁸

Segundo Fonseca (2009), no Brasil a capoeira começa a se reordenar a prática durante as décadas de 1950 e 60 e no exterior começa a estruturar a partir dos anos 1970. A década de 50 foi o período da grande migração no Brasil, inúmeros Mestres e capoeiristas baianos migraram para a região sudeste do Brasil, majoritariamente para São Paulo (REIS, 1997) e Rio de Janeiro. Essa migração resultou em uma mistura de estilos de jogo, originando o que

²⁷FONSECA, Vivian Luiz. / *Capoeira Sou Eu – memória, identidade, tradição e conflito*. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC; Fundação Getúlio Vargas, 2009, 255 P

²⁸História da Capoeira. Disponível em: < <https://www.cppa.com.br/capoeira/historia-da-capoeira/> . Acesso em: 10 de maio. 2020

tem se convencionado chamar de Capoeira Contemporânea, esse tipo seria a mistura das Capoeiras Angola e Regional com as Capoeiras jogadas no Rio e em São Paulo, mais identificadas com uma Capoeira de Rua.

Durante o século XX, houve uma dicotomia entre a capoeira regional e a capoeira angola, no entanto já existe um movimento dos descontentes com a divisão da capoeira, a quem defendem a ideia da capoeira como uma prática única, outros defendem e intitulam como contemporânea e por alguns, angonal (mistura da capoeira angola com a capoeira regional) e, ainda por capoeira atual por outros. (PIRES, 2009)

Em 1972, a capoeira foi oficialmente reconhecida como esporte, pelo MEC, foi um processo de institucionalização e burocratização da capoeira, para dar forma e regras desportivas, inserir como luta, modelar como esporte e com o objetivo de promover sua homogeneização nacional. (FONSECA, 2009).

A Roda de Capoeira foi registrada como bem cultural (IPHAN) em 2008, com base em inventário realizado nos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro. Novembro de 2014, a Roda de Capoeira recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO²⁹. A capoeira tornou a quinta manifestação cultural brasileira reconhecida pela Unesco como Patrimônios Culturais Imateriais da Humanidade.

A prática cultural afro-brasileira entrou na lista que já inclui o samba de roda do Recôncavo Baiano, a Arte Kusiwa (pintura corporal realizada por índios do Amapá), o Frevo Pernambucano e o Círio de Nazaré.³⁰

A capoeira tem ganhado espaços nos mais variados setores da sociedade, Mestres como por exemplo, Waldemar da Paixão, Bimba, Pastinha, João Grande, João Pequeno, Curió, Caiçara são nomes que contribuíram para o crescimento da capoeira. Na Bahia existiram e existe mestre que fez e tem feito à diferença no meio da capoeira, tem elevado às questões nacionalistas, de reconhecimento, pertencimento e identidade nacional. Na cidade de Eunápolis não foi diferente, a capoeira é elementos importantes na formação da nossa cultura, ela sempre esteve presente contribuindo na formação da nossa identidade cultural e tem participação importante enquanto elemento de expressão popular. Diversas atividades

²⁹ Título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/6>>. Acesso em: 05 de jul. 2017

³⁰Patrimônios Culturais Imateriais da Humanidade. Disponível em:< <https://www.dw.com/pt-br/unesco-reconhece-capoeira-como-patrim%C3%B4nio-cultural-imaterial-da-humanidade/a-18090747>>. Acesso em: 27 de jul. 2018

culturais estão presentes em Eunápolis que receberam influências de matrizes africanas, influências essas que marcam a identidade de seus participantes, a capoeira é uma delas.

De acordo com Hall (2004, p. 57)³¹ “O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser, ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro”. Nesse sentido a capoeira que por sua vez é transformada com o passar do tempo, mas não perde suas características do passado que são muito preservadas por seus praticantes, características em sua forma de resistências cultural e de ligação de identidade afrodescendente.

Para Vassallo (2006)³², “a resistência de que se fala é sobretudo cultural, ou seja, vinculada a uma suposta capacidade de um grupo, étnico ou não, em não se deixar contaminar pelas influências culturais de outros grupos.” Pensando na palavra cultura podemos afirmar que são características prevalente de um povo, com seus costumes, com seus hábitos, suas festas etc.

Nesse sentido DaMatta³³ expressa que "a palavra cultura exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito, repito, de fazer coisas". Na capoeira podemos destacar a importância da preservação da cultura que é passada por geração a geração, tanto na oralidade, como na prática corporal de luta e dança, nos costumes, na religião.

De acordo com as entrevistas cedidas pelos Mestres Eudochio Reis no dia 12 de dezembro de 2019 e Rubenval Marques no dia 19 de dezembro de 2019, ambos alunos do Mestre Walter. A capoeira chega em Eunápolis através do Mestre Walter no ano de 1975, tinha como nome, Associação de Capoeira Cordão de Ouro, o estilo da capoeira era a Regional.

Com essas entrevistas a transmissão dos saberes foi passada através da história oral. Os ensinamentos da capoeira são passados dos mais velhos que detém os conhecimentos, para os mais jovens que estão atentos para aprender. “Esteja sempre à escuta’ [...] tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento.’ [...] Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem” (HAMPÂTÉ BÂ, 2003, p.13).

³¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Dpea, 2004

³² VASSALLO, Simone P. *Resistência ou conflito? O legado folclorista nas atuais representações do jogo da capoeira*. Campos (UERJ), v. 07, p. 71-82, 2006.

³³ DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, p. 17

Neste sentido o Mestre de capoeira aprende suas práticas através da oralidade, passa um período de aprendizado, até se capacitar e assumir o papel de transmissor dessas memórias.

Segundo os Mestres Eudochio Reis e Rubenval Marques, o Mestre Walter era um capoeirista simples, baixinho, forte e cheio de devoção, inclusive, ele ia ao centro espírita toda terça feira, o único dia em que ele não ministrava sua aula, buscava cuidar dessa parte espiritual, na academia ele sempre colocava um copo de água detrás da porta, dizia que era pra espantar os maus olhados. As aulas eram ministradas segunda, quarta, quinta, sexta, sábado era roda e no domingo as apresentações.

Os dias da semana era segunda, terça-feira não tinha, ele sempre saía, ele ia para negócio de sessão espírita. Ele era espírita também, toda terça ele ia ao centro espírita. Ele fazia era segunda, quarta, quinta, sexta, sábado era roda pela parte da tarde, começava 14:00 da tarde e terminava 20:00 da noite, porque eram as faixas etária, o pessoal que estava estudando, que trabalhava no meio de semana de segunda a sexta, fazia capoeira no sábado. Sábado a academia lotava de gente, domingo era as apresentações, quando ele não fazia apresentação em um lugar, ele levava a gente pra Porto Seguro, ali pra pitangueiras pra puxar treino, levava um montueiro de gente, um montueiro de aluno pra puder puxar o treino, e era assim que ele se movimentava junto com a gente. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto, em 12 de dezembro de 2019.)

A academia do Mestre Walter era na rua Bela Vista, atualmente em uma casa de material de construção de nome Blocolar. Toda dedicação do Mestre Walter, reflete no que a capoeira se tornou atualmente em Eunápolis. Antigamente tudo era mais difícil, achar um local, os alunos terem acesso às roupas, aos instrumentos e de estar presentes sempre nas aulas e nas rodas. o Mestre Walter montava seu plano de aula de acordo com as dificuldades de cada aluno, uns eram por faixa etária, tinha o pessoal que estudava ou de dia ou a noite, os que trabalhava no meio de semana, e nesse caso, fazia a capoeira no sábado e assim todas as apresentações aconteciam sempre aos domingos, pois todos poderiam estar presentes. Por muitas vezes, o Mestre Walter reunia seu pessoal e levava para Porto Seguro, na praia das Pitangueiras, e ali passava o dia treinando com seu grupo. No feriado de 7 de setembro, ele reunia todo o seu grupo que era muito grande e desfilava, todos vestidos, tocando os instrumentos e cantando suas músicas de capoeira raiz, por muitas vezes, o Mestre voltava desse desfile indignado, pois a prefeitura nem os grandes empresários valorizavam esse ato e acabavam não tendo nenhum tipo de retorno.

A academia do Mestre Walter, hoje ela é ali onde era... hoje na Rua Boa Vista, onde é a aquela casa de material de construção chamada Blocolar. Aquilo ali se você vê o tamanho, tinha uma casinha no fundo. Uma casinha até de adobo, e aquela

construção todinha ali só era a capoeira, entendeu. Então ele quando começou abrir essa brincadeira da capoeira aqui no pequi, ali onde era a antiga, onde é hoje a Blocolar, na rua Boa Vista. Ele foi tentou abrir outra, e o dono lá pediu o terreno né, pediu a casa e aí ele foi abrir o outro lá no Gusmão, entendeu, de frente ao ponto de Cultura Viola de Bolso, que hoje na verdade é um bar, depois dali, ai ele foi já para o centro da cidade, pra antiga rua do peixe. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019)

De acordo com o Mestre Eudochio Reis, o Mestre Walter era um professor cheio de potencial e bagagem, a mesma dedicação de ensinar um movimento na capoeira como por exemplo, o AU, para uma criança, ele ensinava para um adulto, corrigia quantas vezes fosse necessário até o passo se tornar perfeito diante de seus olhos. O círculo de ginga eram 4 bolinhas que ele fazia no chão, a ginga era da esquerda para direita, e da direita para a esquerda, não podia entrar na roda de capoeira sem antes aprender a gingar, quando os passos da ginga estavam prontos entrava para a roda e já iam aprender o AU, ensinava também outros golpes como por exemplo: Bênção, cocorinha, meia lua de frente, rabo de arraia e quando errava o movimento era aplicado uma punição de 150 polichinelo.

O Mestre amava a capoeira e se dedicava para que ela ganhasse seu espaço próprio, alguns alunos ou não gostavam ou se assustavam com seu método rígido que ensinava, mas essa cobrança era para o próprio crescimento do aluno. Apesar da capoeira não ser um esporte caro, o Mestre por ter tanta dedicação, precisava ter seu sustento através do seu trabalho de ensinar, porém, muitas vezes isso não acontecia, o Mestre Walter chegou a ter 380 alunos, mas no final do mês ele não tinha recursos financeiros, ele não recebia salário ou mensalidade por parte da maioria desses alunos, a capoeira atraia muitas crianças carentes, crianças pobres, negras, de periferia, por conta disso, sempre houve preconceito em torno desse esporte. Podemos perceber solidariedade do Mestre Walter entre os seus alunos, reconhecendo a importância de compartilhar esses saberes, mesmo com dificuldade financeira e ausência de incentivo para práticas culturais negras.

Alguns Mestres de capoeira que viveram e vivem até hoje esse esporte, passaram por experiências de preconceito não só da sociedade em geral, mas também por parte dos próprios familiares. A visão que se tinha e ainda tem sobre a capoeira, que é coisa de malandro, de arruaceiro, mesmo com todo esse preconceito que está enraizando na sociedade a capoeira resiste e vai se aperfeiçoando a cada dia. “Uma vez levei uma surra na porta da academia, meu pai falava que aquilo não era coisa de homem, que era coisa de vagabundo.” (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto, em 12 de dezembro de 2019.)

A capoeira em Eunápolis do Mestre Walter, era paga, nem todos tinham acesso, somente quem conseguia pagar a mensalidade eram as crianças em que os pais tinham uma condição financeira melhor. As apresentações ao público, eram feitas nas praças da Bandeira e na praça do Jacaré, todo domingo às 17:00hs nessas apresentações, os pais dos alunos eram presentes, levavam os filhos e assistia a roda até o final.

Mestre Eudochio Reis conta que em Eunápolis nunca houve ocorrência policial por conta da capoeira. O percussor Mestre Walter, era muito respeitado e até os policiais paravam pra assistir as rodas e que na delegacia não constava nenhum registro contra a capoeira, agressão, baderna ou qualquer ato ilícito que a envolvesse, muito pelo contrário, o Mestre era um cara de conhecimento técnico e judiciário, todo mundo gostava dele, os policiais dos mais novos aos mais velhos gostava e respeitava o Mestre Walter.

Como em qualquer lugar onde tem ensinamento, o professor será sempre o maior exemplo, o Mestre de capoeira tem um papel muito importante não apenas de ensinar, mas também de educar e disciplinar.

Ao considerar aspectos do ensino e aprendizagem, Paulo Freire fala da sua incansável natureza de amar o saber, ao que retoma o necessário domínio que o educador precisa para ensinar, não sendo possível uma relação permissiva e evasiva frente ao conteúdo de ensino. Sobre isto ele diz:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber porque o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado. (FREIRE,2003, p. 79)

O Mestre Walter, segundo conta alguns de seus alunos, tinha características marcantes, muito amoroso, dedicado, muito disciplinado e preocupado até se os alunos haviam tomado café. Todo domingo ele fazia brincadeiras na porta da academia, levava balas para as crianças, fazia bolo de puba, arroz doce, ele não tinha projeto social, o projeto dele era ensinar capoeira, por mais que fosse paga. Essa dedicação por parte do professor, atrai os alunos e cativam os pais, afinal, qual pai que não gosta de ver um filho aprendendo com amor e disciplina? E o Mestre Walter tinha amor pelo que fazia, a transferência de conhecimento era sua maior riqueza, não tinha casa própria e muitas vezes faltava recursos para investir em seu trabalho ou qualificação, pois o amor pela capoeira falava mais alto que qualquer outra situação. A faixa etária aceita para iniciar era de 3 anos de idade, até porque a infância é

entendida como um período de grande importância para o desenvolvimento motor, sobretudo por que é nesta fase que ocorrem o desenvolvimento das habilidades motoras especializadas que o indivíduo utilizará nas suas atividades cotidianas, de lazer ou esportivas. (GALLAHUE, 2005).

Porém, nas aulas do Mestre Walter, era normal ter crianças, jovens e senhores. O Mestre era rígido, era inaceitável um aluno brigar na rua, usar a capoeira de forma violenta, o aluno que cometia essa infração, sofria como punição a suspensão das aulas de 4 a 8 dias, até porque a capoeira não é para ser usada de forma violenta.

O Mestre Walter gostava muito de crianças, faixa etária era de 3 anos, 4 anos, 5 anos, ele sempre falava que capoeira tem início mais não tem fim, a capoeira tem o início para entrar e daí pra frente, até os velhinhos tinha que fazer capoeira e tinha uns caras bem velhos lá que fazia capoeira também. Ele tinha uma disciplina muito boa, é tanto que quem passou pela mão do mestre Walter hoje tem muitas lembranças dos exercícios, era um cara que quando os alunos brigavam na rua, ficava 3 dias, 4 dias, as vezes 8 dias de suspensão. As vezes ele botava na roda para o cara jogar com a galera todinha, as vezes quando fazia coisas erradas que ia pro clube social de Eunápolis, clube que tinha aqui onde a gente mais ia, quando alguém brigava lá, ele colocava a gente no corredor, cada um dá gente tomava uns tapas nas costas, nós ficávamos de castigo as vezes, então isso assim era o treinamento que o mestre passava pra a gente, que na verdade era um treinamento de militarismo, um treinamento correto mesmo do que ele fazia. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019)

O Mestre Walter precisava mostrar para a nova geração que a capoeira não podia ser usada como violência, (usava seu próprio método de disciplina) pois eles já sofreram muita discriminação e ensinar esses alunos uma nova visão sobre a capoeira, é um trabalho de formiguinha e o exemplo vindo dos próprios Mestre era fundamental. “Quando os alunos brigavam na rua o Mestre suspendia suas aulas de capoeira, além disso, ele colocava o aluno brigão no meio de um corredor, e os outros alunos davam alguns tapas como forma de castigo.” (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

O Mestre Walter apesar de ter também enfrentado vários preconceitos e dificuldades, em questão de local, não foi fácil, e nem sempre dava para cobrir os gastos que aparecia no decorrer do tempo. Já com o espaço físico de onde era a academia no centro, antiga rua do peixe, e por ser no centro o espaço, começou a aparecer mais alunos com condições, nesse aparte para o Mestre Walter, foi mais fácil, pois ele podia pagar pelo espaço onde ele dava suas aulas. Sempre que podia, o Mestre presenteava com uma bolsa de estudo alguns alunos,

isso incentivava, ainda mais os alunos mais carentes, esses gestos são de extrema importância para o crescimento pessoal dos alunos e da capoeira. Mesmo o Mestre Walter sabendo a importância de cobrar pelas aulas, para a manutenção da academia, ele estava sempre preocupado em agregar mais alunos que não tinham condições de pagar.

O Mestre Walter tinha uma galera de elite de grana e tinha uma galera da população mais carente e você ver que a população mais carente são os que mais se dedica a capoeira. em Eunápolis não existia público de turista, era mais a população mesmo, o Mestre Walter tinha um público que podia pagar e tinha outro público que não tinha condições de pagar a academia e por incrível que pareça o pessoal que tinha menos poder aquisitivo eram pessoas quem mais se desenvolvia e se destacava mais na academia. (MARQUES, Rubenval. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 19 de dezembro de 2019)

A capoeira já esteve presente nas mais variadas festas e movimentos culturais de Eunápolis, desde a sua chegada a esse município até os dias atuais. Esteve presente em apresentações nas praças, em desfile de 07 de setembro, micaretas, domingão do estudante, apresentação no clube social.

Aqui a apresentações que era feita para o público eram todos os domingos. Todo domingo aqui em Eunápolis na praça da bandeira, era um celeiro de karatê, capoeira, inclusive tinha o camarada que trouxe o karatê aqui pra Eunápolis, que se chamava professor Edmilson da academia Shurenrio, qual também eu fiz Karatê também aos nove anos, de oito pra nove anos, mas o público maior era quando fazia apresentação todos os domingos. Todos os domingos as apresentações de capoeira eram feitas, eram exibição, era exibição de salto e era uma brincadeira fora de sério, terminava o pessoal do karatê, entrava a capoeira, eram bom demais. E dentro da academia o público era os da academia mesmo, porque não podia entrar gente de fora, a porta andava lotada, todos os dias, de segunda a domingo a academia cheia, aluno pra caramba, tanta gente que vinha de fora, o pessoal vinha de Porto Seguro, do Arraial da Ajuda, de Trancoso para fazer a aula, o pessoal de Itagimirim, e as apresentações maiores que fazia eram sempre na micareta de Itagimirim. Todo mundo ia pra lá, faziam as rodas de capoeira, passava o pandeiro ganhava dinheiro [...] é igual o do domingão do estudante, que tinha antigamente que a gente fazia apresentação de capoeira. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019)

Em todos os relatos que se vê sobre o início da capoeira, o preconceito será sem dúvidas um dos assuntos que mais marcou a sua história, para que hoje ela possa ser considerada como forma cultural. Como aponta o Mestre Rubenval Marques: “Chegar em um lugar e dar aula de capoeira, a sociedade não perdoava, éramos tachados de vagabundos, maconheiros, pilantras, ladrão, mas se nem Jesus Cristo agradou a todos, imagina nós, capoeiristas.” (MARQUES, Rubenval. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 19 de dezembro de 2019).

Muitos alunos não tinham acesso as suas vestimentas, nem instrumentos, na academia do Mestre Walter. Os uniformes eram caros, as calças eram de brim, ou então de moletom que o Mestre comprava quando ele viajava pra Itabuna. Quem tinha condições de comprar comprava, quem não tinha, usava apenas a camisa com o nome Associação de Capoeira Cordão de Ouro, e com o símbolo da Bandeira do Brasil, algumas aulas nem camisa usavam, era somente a calça, muitas vezes os alunos usavam pano de saco e alvejava dessa forma todos tinham suas calças para usar.

É, inclusive quando dentro da academia, os uniformes eram muito caros na época entendeu, que era aquelas calças de brim e assim era tipo, uma roupa, tipo uma gândola da roupa do karatê. E assim nós não tinha, só tinha só a camisa com o nome Associação de Capoeira Cordão de Ouro Mestre Walter, e com a bandeira do Brasil. A calça pela mesma forma, não tinha desenho de movimento de berimbau. O berimbau só tinha no centro da roda, mas a dificuldade era para nós arrumar essa calça, nós usava pano de saco, nós comprava campam de açúcar, mandava alvejar e lá quase todo mundo usava. Os caras que tinha uma calça boa, moletom na época era caro para caramba, os caras que tinha uma calça boa, uma malha boa, era Marinaldo, era o Robenval, os que sempre viajavam para Itabuna, fazia apresentação de capoeira e participava de eventos, e aí lá comprava esse material e a gente era quase, todo mundo com paninho de açúcar. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

Com relação aos instrumentos, o Mestre Walter trabalhava com 3 berimbaus, um gunga, o médio e o viola, um tambor, um agogô, um reco reco e dois pandeiros. Ele se sentava depois da aula e ensinava como tocava todos esses instrumentos, sempre transmitindo seus saberes através da musicalidade.

As músicas que a gente mais tocava, sempre dentro do movimento dele, como era um cara regional. Era um cara que ele não trabalhava com um berimbau, ele trabalhava com três berimbau. Ainda ele falava que os três berimbaus, assediava a roda, e ele tocava, botava o tambor, um tambor, um agogô, um reco-reco, três berimbau, um gunga, o médio, o viola, dois pandeiros. Antigamente, pandeiro só ele que tinha. Um pandeiro de couro que ele tinha maior, maior segredo com esse pandeiro, que só ele passava para alguém e tal. Era um camarada que gostava de pagode pra caramba, e os pandeiro, tudo pandeiro bom. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

O Mestre Walter gostava de músicas antigas como a “PARANAUÊ”, e tinha também “ou ‘sim, sim, sim ou não, não, não’”, e a tradicional que era o hino da capoeira, “A morte da capoeira”. O Mestre Walter não compunha músicas, porém, usava muito em roda as músicas do Mestre Suassuna do Cordão de Ouro e do Mestre Caiçara.

As músicas nossa era a músicas mais antiga, entendeu, é a música do “paranauê paranauê, paranauê, paraná”, tinha essa, entendeu, “ou sim, sim, sim ou não, não,

não”, essa era as quadras de sempre, entendeu, o Mestre tocava, e as outras músicas, dos toques da capoeira, era “A morte da capoeira”, que é o hino da capoeira. A gente ficava quase uma hora de relógio, entendeu, em pé, com a mão no peito e esperando que aquela música pudesse terminar. Quando aquela música terminava, aí nós dava um salve, e daí, ia para o treinamento, quando terminava, a gente tinha que ir de volta, quando ia começar a aula, era oração, então assim a musicalidade não ficou para trás dos ensinamentos do mestre. Batuque, pandeiro, tambor, isso não ficou para trás. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

Quem teve aula com o Mestre Walter não pode dizer que não aprendeu, era capoeira, disciplina, dedicação, humanização, musicalidade e instrumentos. A capoeira, por se tratar de uma luta negra, de resistência, o Mestre Walter sabia da responsabilidade que tinha nas mãos em passar a diante, ele era transmissor dessa cultura e procurava fazer da melhor forma possível.

[...] então assim a musicalidade não ficou para trás dos ensinamentos do Mestre[...] isso aí, quem falar que treinou com o Mestre Walter e não aprendeu nada, é porque... que na minha época mesmo, todos que ficaram aqui em Eunápolis, todos teve uma didática boa, entendeu, instrumental. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

Desde o início da civilização o homem sempre deixou vestígios para que suas memórias fossem preservadas. A memória sempre teve um papel relevante principalmente nos tempos antigos, que os anciãos quem guardava essas memórias na qual os ensinamentos eram passados para os mais jovens através da oralidade. Esses eram considerados como verdadeiras bases de sustentação dos costumes e tradição, e sua morte era considerada uma perda muito grande, pois levaria com si muitas tradições.

Em vários períodos da história, pessoas usavam de várias maneiras muitas estratégias para preservar suas memórias, foram usados pinturas, inscrições, monumentos, depois centros de documentação, museus que se propaga. Os espaços têm se constituído locais de preservação de memórias, que possibilita uma maior resistência ao longo do tempo. Com isso percebe-se o medo de uma amnésia conjunta. Nesse sentido podemos evidenciar como a memória nas sociedades ao longo do tempo tem sido destacada, pois a memória é o remédio para o esquecimento Le Goff (1994).

Segundo Thompson “[...] a necessidade de maior sensibilidade histórica ao poder da emoção, do desejo, rejeição e imitação inconscientes, como parte integrante da estrutura da vida social comum e de sua transmissão de uma geração para outra.” (THOMPSON, 1992, p. 202). Neste sentido as transmissões do conhecimento são repassadas para futuras gerações, a fim de manter as suas culturas.

Através das memórias dos mais velhos as tradições, os valores e os costumes são transmitidos aos mais jovens e, principalmente, as crianças para construção de sua identidade uma vez que “A criança recebe do passado não só dados da história escrita; mergulha suas raízes na história, ou melhor, sobrevida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória” (BOSI, 1994, p.73)

A partir dos relatos moradores mais velhos, de alunos da capoeira que hoje são mestres pôde-se ter um maior conhecimento acerca da história da capoeira que ocorreu na cidade de Eunápolis. Nesse sentido à medida que evoca suas lembranças, o velho cumpre as funções sociais com maestria que é lembrar e lembrar bem (BOSI, 1994).

De acordo com Alberti,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989: 4).

A história oral segundo Alberti foca na memória, na capacidade de lembrar o passado como testemunha do que viveu, nessa interpretação a presença do passado faz com que o indivíduo traga consigo as suas memórias para que o pesquisador possa entrevistar pessoas que participaram como atores ou testemunhas.

A capoeira resisti, sempre teve gente buscando, fazendo, aprendendo, pessoas que quebraram o preconceito e passaram a amar a capoeira como se ama qualquer outro esporte, antes era considerada uma luta proibida, e atualmente ela está presente dentro das escolas públicas, das faculdades, em outros países e nas igrejas. Conviver com os olhares maliciosos já não assusta mais, existirá sempre o preconceito no meio da capoeira, o que não pode ser modificada para agradar as pessoas, pois ela é muito importante e o que ela representa. Os capoeiristas a cada dia têm aprendido sobre as suas histórias, sobre as histórias da capoeira e tem evoluído no enfrentamento dos preconceitos. Não deixando que sua cultura se perca com a doutrinação europeia branca.

Sendo assim a capoeira regional no Brasil, que era arte proibida até início do século XX, foi ganhando com o passar do tempo, característica também de arte marcial, esporte e foi legalizada, a capoeira foi se aperfeiçoando e chegou até a cidade de Eunápolis através do

Mestre Walter, com a chegada do primeiro Mestre, que a prática cultural da capoeira se estabelece, mesmo com todas as dificuldades estrutural encontrada.

A história oral por si só deu conta de responder todos os questionamentos que envolveram a pesquisa. Que foram através das entrevistas que vimos características sobre o Mestre Walter, como por exemplo era um Mestre dedicado aos seus alunos, tinha boa didática, montava seu plano de aula de acordo com as dificuldades de cada aluno, era um capoeirista simples, forte e cheio de devoção. E toda essa dedicação reflete no que a capoeira se tornou na atualidade em Eunápolis.

SEGUNDA GERAÇÃO DE MESTRES DA CAPOEIRA EM EUNÁPOLIS E A PERMANÊNCIA DESSA PRÁTICA

Depois de sua breve estadia no município de Eunápolis, o Mestre Walter foi embora para Belo Horizonte e deixou os professores Marinaldo Pereira e Rubenval Marques à frente da academia, hoje são os Mestres Marinaldo Pereira e Rubenval Marques, este último conhecido na capoeira como Mestre Estrela.

Mestre Walter deixou também o aluno chamado Eudochio Reis, que seguiu aprendendo com os professores Marinaldo Pereira e Rubenval Marques. Eudochio Reis se graduou a Mestre e ajudou a levar a capoeira adiante no Extremo Sul da Bahia, dando continuidade quando o Mestre Marinaldo Pereira e o Mestre Rubenval Marques foram embora de Eunápolis. A dedicação foi tamanha, que seus projetos sociais contribuíram na manutenção da capoeira até os dias atuais.

De acordo com as entrevistas concedidas pelo Mestre Eudochio Reis: “Mas hoje, o Mestre Walter deixou dois, três líderes na cidade, foi Eudochio Reis o mais novo, o Mestre Roberval Marques (Mestre Estrela) e o Mestre Marinaldo Pereira”.³⁴

A trajetória dos alunos do Mestre Walter não foi fácil, mas foi de grande importância para a continuidade e o desenvolvimento da capoeira na cidade de Eunápolis. Com a saída do Mestre eles tiveram muita força de vontade em treinarem sozinhos, sem um Mestre para dar o acompanhamento, mais havia a certeza da importância que a capoeira tinha nas suas vidas, que não podiam desistir e prosseguiram aprendendo e muitos outros Mestres se formaram.

Marinaldo Martins Pereira³⁵, Mestre Marinaldo, nasceu em Porto Seguro na Bahia, desde a infância, ele praticava muitos esportes, era ciclista, jogador de futebol, tentou karatê,

³⁴ REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019

mas apenas a capoeira se tornou a paixão de sua vida. Começou a praticar a capoeira em 1977, quando Mestre Walter chegou a Eunápolis.

Quando o Mestre Walter deixou seus alunos, Marinaldo Pereira sabia que a capoeira era algo que ele queria em sua vida. Ele passou a viajar sozinho, participou de rodas de capoeira pela Bahia e aprendeu com os outros capoeiristas. Também seus amigos e pessoas da cidade começaram a treinar com ele, na roda de capoeira na cidade de Salvador, ele conheceu o Mestre Ferro Velho, com ele, fez sua formatura em capoeira. Durante esse período, ele já ensinou capoeira em escolas e centros esportivos de Eunápolis. Em 1994, recebeu formalmente seu cinturão branco (cordão branco), e o título de Mestre de capoeira pelo Mestre Ezequiel e Mestre João Pequeno.

Roberval Marques³⁶, conhecido como Mestre Estrela, começou a capoeira com quatro anos de idade, em Canavieiras, onde conheceu o Mestre José Carlos que é irmão do Mestre Walter e também foi aluno do mestre Walter.

O Mestre Walter também se injuriou, com alunos, com a falta de estrutura, o mestre não tinha uma casa para morar, não tinha uma academia própria, foi para Belo Horizonte e veio a falecer, eu fiquei sabendo através de outras pessoas que ele faleceu, do irmão dele, que o irmão dele é vivo até hoje, ele mora em Canavieiras, mestre biriba, o apelido, o nome de identidade é José Carlos foi o meu primeiro mestre, assim que ele me puxou, me aceitou na academia dele. (MARQUES, Ruberval. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 19 de dezembro de 2019)

Iniciou um pouco de capoeira com o Mestre José Carlos, ao passar um período de aprendizagem na academia, buscou por mais conhecimento e decidiu ir a capital Salvador, onde ficou por aproximadamente 6 anos. Conseguiu uma formação maior na capoeira, e quando retornou, foi para Eunápolis, conheceu o Mestre Walter, e começou a treinar na academia dele.

Quando o Mestre Walter viu o seu treinamento, seu jogo de capoeira, o indicou como professor e o Mestre Walter se tornou o seu Mestre de capoeira também, como já tinha uma larga experiência com capoeira, já treinava muito, já tinha uma vivência na capoeira, o Mestre Walter formou a professor. O Mestre de capoeira dar aula ao aluno e o forma a professor, e o professor fica capacitado a dar aulas ao aluno.

³⁵ Site do Mestre Marinaldo Pereira. Disponível em: < <https://www.capoeirajacksonville.com/meet-mestre-marinaldo>>. Acesso em: 05 de fev. 2018

³⁶ MARQUES, Ruberval. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 19 de dezembro de 2019

Eudochio Rodrigues Reis³⁷, conhecido como Mestre Eudochio Reis, filho de Valdelice Francisca Reis e Valdomiro Rodrigues Santos, nascido em Eunápolis, em 5 de setembro de 1968, qualificado em Educação Física pelo Instituto CEFD e Polícia Militar da Bahia, iniciou na capoeira no ano 1978 aos 10 anos de idade. Enfrentou o preconceito dentro da sua própria casa, seu pai era contra a prática da capoeira, dizia que capoeira era para malandro, de quem não gostava de trabalhar, na tentativa de afastar o filho das práticas matriculou o jovem Eudochio Reis em uma academia de karatê de estilo shu ren rio, onde permaneceu por 1 ano. Ainda na infância frequentava a feira do bairro Pequi com sua avó, em uma dessas idas passaram em frente a academia do Mestre Walter, logo ficou encantado pela aquela arte, uma semana depois voltou sozinho a academia, ao chegar entrou e escondeu-se atrás da porta, pois só poderiam entrar alunos matriculados.

Depois de algumas semanas, Eudochio Reis foi para a feira pegar frete (carregar compras em troca de dinheiro), pois era o jeito que encontrava para ganhar dinheiro, era criança de 10 anos que precisava buscar meios de ganhar dinheiro; foi quando deparou-se com a esposa do Mestre Walter que precisava de alguém para levar suas compras e foi levar as compras, chegando na academia, ela o convidou para tomar um suco, e perguntou se ele gostava de capoeira, ele respondeu que sim, então ela disse para ele voltar a tarde que iria pedir para seu esposo dá-lhe um berimbau e deixar que ele aprendesse capoeira uma vez por semana, pois as aulas eram particulares, e ele não tinha condição de pagar. Eudochio Reis nesse momento já sentia a capoeira pulsar nas suas veias, já sentia o desejo de aprender.

Nesse momento na década de 70 em Eunápolis, segundo Eudochio Reis, só contava com uma academia de capoeira, que era a do Mestre Walter e para se matricular tinha que pagar, muitas pessoas de baixa renda não conseguia entrar, mesmo a academia localizada no bairro periférico e sendo um esporte originado de pobres e negros, neste contexto em Eunápolis só quem a praticava eram quem podia pagar por ela. Destacamos aqui a importância que a capoeira, como cultura e esporte faz na vida de um aluno e como o Mestre é responsável pela formação dos seus alunos, pois foi através dos ensinamentos que foram passados e a força de vontade do aluno Eudochio Reis em aprender, mesmo com toda dificuldade que enfrentou, que o tornou Mestre hoje.

As aulas que tinha duração de 2 horas. Quando chegou em casa as 19 horas, o seu pai já estava esperando e foi quando apanhou bastante, pois o pai queria que ele fizesse karatê e

³⁷ Site do Mestre Eudochio Reis. Disponível em: < <https://gingaeunapoliscapoeira.webnode.com/servicos/>>. Acesso em: 10 de abril. 2018.

não capoeira e não aprovava que este pegasse frete, a sua avó interveio pelo meio em favor do neto, foi sempre a sua avó que a incentivava a fazer capoeira, mesmo o pai não gostando. O seu pai acabou deixando de mão, pois viu que o filho estava apaixonado por aquele esporte, então o Mestre Eudochio Reis começou a pegar sempre o frete da esposa do Mestre Walter e sempre limpar a academia antes das aulas, como forma de pagamento do seu treinamento, ficou ainda mais fascinado quando viu as apresentações dos alunos mais velhos como Marinaldo Pereira, Rubenval Marques, entre outros.

Responsável pela sua formação de Mestre Eudochio Reis, foi o Mestre Wanderlei Martins Gouveia, em 17/04/ 2008 no seu 4º encontro, recebeu a corda de Grão Mestre, mas foi da mão de outro Mestre, Wanderlei não pode comparecer pois tinha perdido um membro da família quem amarrou a corda em sua cintura foi o Mestre Oleoso da nação Iorubá.

O Mestre Walter deixou os seus alunos cedo e a primeira dificuldade para eles foram em darem continuidade aos treinamentos sem apoio de um Mestre, de acordo com o Mestre Marinaldo Pereira, “treinavam sozinhos, viajavam para participarem de rodas e aprenderem com outros grupos”. O Mestre Walter formou a professor Marinaldo Pereira e o Rubenval Marques ambos na corda roxa que é “a Ametista” que significa reflexão da continuidade da capoeira. O capoeirista nesta fase, tende a superar a dor física, psicológica e espiritual.

Segundo informação do grupo de capoeira Ginga Brasil, para a cultura Hebraica, a corda era usada para segurar as suas batas, na escravidão, os escravos usavam a corda para segurar as calças, lado esquerdo era para identificar negros que não tinham donos e eram maltratados, já no lado direito, era para negros escravos que possuíam donos e podiam andar por alguns lugares e trabalhar com o consentimento dos seus donos³⁸. Na capoeira, o hábito de usar corda amarrada na cintura tem sua simbologia, cada cor tem a sua representatividade e o primeiro fato famoso na capoeira de alguém usar uma corda amarrada na cintura, foi de um capoeirista mais consagrado, conhecido como Besouro, o cordão de Ouro. Em 1969, surge a primeira graduação de cordões na Associação de Capoeira Senzala, e em 1972 foi implantado a recém Federação de Capoeira, um sistema de graduação de cordões que foi baseado nas cores da bandeira do Brasil.³⁹ Há grupos que segue a primeira graduação, grupos que seguem a segunda e grupos que seguem a suas próprias criações de cores.

³⁸Facebook do grupo Ginga Brasil. Disponível em:< <https://pt-br.facebook.com/grupogingabrasilpologaranhuns/posts/721987058204844/>>. Acesso em: 5 de novembro. 2020

³⁹Blog do Mestre Bicheiro. Disponível em:< <http://mestrebicheiro.blogspot.com/2016/04/historia-do-uso-do-cordao-na-cintura.html>>. Acesso em: 01 de novembro. 2020

Exemplo de uma graduação de cordões⁴⁰:

Graduação Infantil (3 a 11 anos)

Corda crua – Significa intuição.

Corda crua e laranja – Significa criatividade e responsabilidade.

Corda crua e azul – Significa atenção e respeito pela capoeira.

Corda crua e verde – Significa amadurecimento.

Graduação adulta

Corda crua – O atleta simboliza o desejo de desenvolver sua aprendizagem e criatividade dentro e fora da roda e se firmar na capoeira.

Corda crua e amarela – 1ª transformação.

Corda amarela “Ouro” – Significa a valorização do aprendizado que será desenvolvido a partir desta graduação do Aluno.

Corda amarela e laranja– Transformação.

Corda laranja “O Sol” – Significa despertar a consciência do aprendizado.

Corda laranja e azul – Transformação.

Graduado

Corda azul “O Mar” - Significa a consciência da imensidão do caminho a percorrer.

Corda azul e verde– Transformação.

Instrutor

Corda verde “A Floresta” – Significa o pulmão do mundo. É nessa graduação que se concentra toda a força do trabalho. É a solidificação do aprendizado. É desta graduação que sairá a continuação e o alicerce do Grupo.

Corda verde e roxa– Transformação.

Professor

⁴⁰ Site da fundação Romi. Disponível

em: <<https://fundacaoromi.org.br/fundacao/index.php?pag=padrao&op=romi&id=385&op2=not>>. Acesso em: 5 de novembro. 2020

Corda roxa “A Ametista” - É a reflexão da continuidade da capoeira. É nesta graduação que o capoeirista procura superar a dor física, psicológica e espiritual na busca dos conhecimentos da capoeira e na defesa dos ideais.

Corda roxa e marrom– Transformação.

Contra – Mestre

Corda marrom “o Camaleão” - É a cor que caracteriza o estilo. O camaleão. É desta graduação que sairão os futuros Mestres do Grupo.

Corda marrom e vermelha– Transformação.

Mestre

Corda vermelha “O Rubi” - É a pedra que simboliza a justiça. É a fase que o capoeirista adquire a consciência da responsabilidade que tem para com a capoeira, procurando conduzir o seu trabalho e suas decisões com justiça.

Corda vermelha e branca– Transformação. É nesta graduação que o capoeirista procura todo seu potencial, no sentido de congregar e manter os ideais, já que está numa fase de transformação, ou seja, se preparando para assumir a graduação máxima dentro do sistema de graduação do Grupo. Para isto, é preciso, decidir com acerto, precisão, honestidade, lealdade e acima de tudo com sabedoria e imparcialidade.

Corda branca “o Diamante” – É o mineral que reflete todas as cores. É o mais duro e resistência minério. É no branco que todas as cores se reúnem. Mestre é dele que todo o sistema do grupo de Capoeira se sustenta para a preservação dos seus ideais. através da sabedoria, paciência, humildade, lealdade e firmeza de propósito, que irá manter a sua filosofia, tradição e fundamentos.

Através do trabalho de capoeira realizado pelo Mestre Walter, que foram iniciados no município de Eunápolis, a capoeira se amplia na cidade e na região, e ganha visibilidade no exterior. O Mestre Marinaldo Pereira em Eunápolis, fundou seu grupo Capoeira Esporão, com estilos de capoeira tradicional: Capoeira Regional e Capoeira Angola. Desde 1988, visitava a Europa regularmente dando cursos de capoeira e shows de capoeira. Uma das maiores apresentações foi a cerimônia de abertura do Campeonato Mundial de Futebol em 1998 na França.

Ele deu aulas em Londres (Reino Unido), Barcelona, Cartagena (Espanha) e atualmente seus treinamentos acontecem em Varsóvia, na Polônia. A capoeira eunapolitana,

conquistou novos espaços com essas aulas de capoeira fora do Brasil, isso serve para divulgação, para que a nossa arte brasileira e a cultura da capoeira eunapolitana seja conhecida mundo a fora.

Ruberval Marques, (Mestre Estrela) foi embora para Salvador na década de 80, se formou a Mestre, um tempo depois foi para Porto Seguro, e se tornou o fundador da capoeira em Porto Seguro, segundo ele 99% dos alunos de Porto Seguro, se não foi aluno dele, foi alunos dos seus alunos, chegou a ter trezentos alunos em Porto Seguro.

Uma grande dificuldade que o Mestre Ruberval Marques encontrou quando dava aula em Porto Seguro, foi que os pais dos alunos não pagavam as aulas no final do mês, o Mestre não tinha condições financeira para custear suas viagens para participar dos eventos, segundo ele: “estou trabalhando errado, porque vou trabalhar desse jeito, vou trabalhar para passar necessidade? Vou trabalhar para ter o meu conforto”. (MARQUES, 2019) a falta de pagamento da mensalidade teve um grande impacto na vida do Mestre Ruberval Marques, para se manter e dá continuidade à sua academia. Em entrevista Mestre Estrela ele afirma:

No dia que eu parei com a minha academia aqui, quando eu parei de dar aulas tinha a média de trezentos alunos, só via menino chorando, menina chorando, os pais ligaram cobrando porque meu filho chegou em casa chorando, respondi: “que pra você eu posso falar, pro seu filho de quatro, cinco anos eu não posso falar, a academia está sendo fechada porque você não paga a academia, no pagamento fica enrolando, é amanhã é depois e nunca manda o pagamento e eu não estou aqui pra dar aulas de graça e passar fome com a minha família. (MARQUES, Ruberval. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 19 de dezembro de 2019).

Quando o Mestre Ruberval Marques percebeu que não tinha condição de tirar o sustento através da capoeira, arcar com suas viagens, coisas pessoais, começou a procurar outra coisa para fazer, buscou alternativas para ganhar o dinheiro e vencer as dificuldades financeiras já que a capoeira já não rendia o suficiente para seu sustento. Mestre Estrela parou de dar aulas de capoeira e passou a trabalhar na fabricação de berimbaus, vendendo para todo Brasil e exterior.

[...] eu tive uma visão melhor, quando eu sentir que não ia conseguir ter nada dando aulas de capoeira, eu esquivei de todo mundo, eu queria ter um trabalho paralelo a capoeira, mas com o objetivo assim de mandar meus berimbaus que fabrico para fora do Brasil [...] (MARQUES, Ruberval. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 19 de dezembro de 2019).

Através da prática cultural de fabricação e vendas desses berimbaus, o Mestre Ruberval Marques melhorou as suas condições de vida, de acordo com o Mestre, depois que ele parou de dar aulas, e seguiu na capoeira com fabricação e comercializar berimbaus, e a

vida dele melhorou financeiramente. A fabricação de berimbaus é muito importante para a capoeira, pois sem o berimbau não tem roda, não tem jogo, não tem música. O artesão do berimbau é um conhecedor e mantenedor da cultura.

[...] foi a época que eu comecei a vender berimbau, desenvolvendo, eu não fui nenhum bobão para pegar meu dinheiro e usar porcaria, beber, fumar, usar drogas não, pequei o meu dinheiro e guardei para chegar hoje e eu ter meu imóvel próprio no valor ai de três milhões de reais, pra quem chegou aqui dormindo no chão, tenho o meu carro na minha garagem, não devo um centavo pra ninguém e hoje eu digo, sou um mestre independente[...] (MARQUES, Rubenval. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 19 de dezembro de 2019).

Eudochio reis seguiu como aluno do professor Marinaldo Pereira, que na década de 80 ficou responsável por dar aulas de capoeira em Eunápolis logo após a saída do Mestre Walter, as aulas aconteciam no fundo da oficina de Marinaldo Pereira.

Dez anos depois Eudochio Reis pediu auxílio a Marinaldo Pereira, para abrir o seu próprio grupo e afilia-se a Associação Atlética Esporão do Mestre Marinaldo Pereira, veio então a decepção, o Mestre não o apoiou, neste contexto podemos destacar que esse conflito aconteceu porque segundo Eudochio Reis, ele estava dando aulas sem cobrar dos alunos e o Mestre Marinaldo Pereira não apoiava. Então em 1990 foi que Mestre Eudochio Reis montou o grupo Axé Bahia, no clube do barranco no centro da cidade, que atualmente é a Escola Adventista de Eunápolis, tempos depois mudou o nome do grupo, para grupo Águia Dourada em 05/09/1990 data do seu aniversário. As aulas eram no quintal da sua casa, foi então um sucesso, teve muitos alunos, já formou Mestres, Contra Mestre, professores, instrutores e graduados. Passarão 12 anos, quando foi registrar o grupo, descobriu que já existia um grupo mais velho registrado com esse nome, foi então que em 2002 registrou a Associação de Capoeira Ginga Eunápolis que atua até os dias atuais.

Quando o Mestre Marinaldo Pereira foi embora do país e o Mestre Rubenval Marques abriu a academia em Porto seguro e em Itabela, o Mestre Eudochio Reis ficou a dar continuidade aos ensinamentos de capoeira em Eunápolis, seguiu como educador e multiplicador da cultura afro-brasileira dando aulas na sua academia e nas escolas públicas.

O Mestre Marinado foi embora. O Mestre Estrela tinha criado outra academia na cidade de Guaratinga e ficou eu Mestre Eudochio aqui comandando. Hoje nós somos responsáveis por essa capoeira que convive nas escolas, meu grupo foi o primeiro a abrir os espaços das escolas públicas de Eunápolis. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

A capoeira como esporte e cultura popular na vida do Mestre Eudochio Reis serviu como transformação de vida e de caráter e ele passou esses valores adiante. A capoeira também tem sido mantida como terapia. Antônio Ribeiro Lopes vai dizer: “A capoeira vem tendo destaque muito grande, não só como esporte, mas, ela atua verdadeiramente como terapia e proporciona a liberação de sentimentos como agressividade e medo, levando o aluno a adquirir uma condição física mais satisfatória e um comportamento mais sociável” Lopes, (1992, p.24).

Assim, pode-se dizer que a capoeira enquanto prática social é capaz de unir propósitos distintos, conforme quem a prática e de onde se é praticada, por esse motivo, a análise enquanto prática educativa voltada para a formação de jovens e crianças que são amparadas por projetos socioeducacionais. E esse fenômeno se expressa pela própria concepção de que seus Mestres entendem a capoeira como filosofia de vida. Neste sentido podemos perceber a importância da cultura na vida população. “[...] e hoje a capoeira pra mim é tudo na minha vida, ela é, ela foi que me deu todos os espaços da vida, ela me deu todo amparo para ser o homem que sou hoje, o cidadão que sou hoje.” (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

A partir do momento que o Mestre Eudochio Reis segue dando aulas com o seu grupo, a capoeira que era paga, passa a se tornar acessível a população carente através de projetos sociais que o Mestre criou.

Assim como no começo ele não tinha condição de pagar por essas aulas de capoeira, ele entendeu que a maior parte da população de baixa renda que queria praticar a capoeira não tinham condições de pagar pelas aulas.

[...] o pessoal que treinava com o Mestre Walter eles pagavam para fazer capoeira, eu não pagava. Ele tinha liberado pra mim as aulas, todos os dias quando eu chegava eu era o primeiro a lavar e passar pano para poder pagar as aulas, quando Marinaldo chegava e o Mestre Walter a academia já estava toda limpa. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019)

O Mestre Eudochio Reis conta que a transição da capoeira paga para a capoeira gratuita na cidade de Eunápolis, teve início na década de 90. Década essa onde ele monta o seu próprio grupo, e via dificuldade que um pai tinha para colocar um filho dentro de uma aula de capoeira e ficava muito triste, na cidade tinha o Mestre Marinaldo Pereira que cobrava do aluno.

Hoje eu penso que pela essa mudança aí, a gente como Mestre, a gente até se sente um pouco meio e meio triste, porque a gente é um pouco responsável por isso, de abrir essas aulas para esse pessoal, para que eles pudessem ser formados através da capoeira de graça. Então, aí surgiu a necessidade de abrir o grupo, de abrir um grupo, de uma associação e deixar que os pais colocassem seus filhos, entendeu? para fazer capoeira, porque não tinha condição. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

Neste sentido, podemos perceber como a população carente foi inserida neste processo da formação da cultura popular no qual eles se sentiam parte e não tinha condições financeiras para poder pagar pelas aulas. Por outro lado, uma desvalorização no ofício de Mestre, eles não conseguem tirar o sustento através da capoeira em Eunápolis. Segundo ele, os alunos não queriam mais pagar por essas aulas e quando se formava na academia, virava as costas para o Mestre.

Então isso foi assim, um termo que foi ganho. Entendeu? para esse pessoal mais pobre, baixa renda. Hoje tem uma ideia, hoje, você não vê um cara rico no centro fazendo capoeira, não vê. Hoje nós temos aqui alguns meninos que dá aula de capoeira no centro, chegar lá, você vê duas pessoas, entendeu? pagando só pra eles dois fazer a capoeira. Não tem mais aquele número que tinha, quando você chega dentro de uma academia, dentro de um estabelecimento, você vê lá mais de 30 alunos, sem pagar nada. Aí o custo disso aí, você aprende a capoeira, entendeu? desde pequeno lá com o camarada, aí no dia que você tá pronto, que você... que eu faço você, aí você vira as costas para o seu estabelecimento. Então se a gente cobrasse desde o início, não acontecia isso. (REIS, Eudochio. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019).

Ele conta que hoje pelo fato da capoeira eunapolitana ter se tornado em vários projetos sociais, não se tem mais alunos que queira e que tenham condições de pagar por ela. Para Eudochio Reis, isso era um ganho para quem não tem condições de pagar e uma perda para quem ensina.

Portanto, a capoeira vem conquistando mérito de cultura nacional e contribuindo para a construção da cidadania e vem alcançando seu espaço, eliminado preconceitos, vem inserindo praticantes de diferentes classes sociais no Brasil e no mundo.

Para Abib (2017, p.67) “(...) O Mestre é aquele que permite que os saberes transmitidos pelos antepassados vivam e sejam dignificados na memória coletiva.” A roda de capoeira apresenta como significado, aprendizagem e transmissão dos saberes dos mais velhos, assim prevalecendo as tradições da capoeira.

Pedro Rodolpho Abib, trouxe em sua dissertação o título “Capoeira angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda”. Ele investigou as formas e quais as culturas populares vincularam tanto o campo de conhecimento, como de saberes. A transmissão desses saberes através da memória, oralidade, ancestralidade, ritualidade, temporalidade, além de falar

também sobre a necessidade de constituição de uma nova nacionalidade que seja capaz de explorar e legitimar os saberes ocultos silenciados, dos saberes oriundos das várias tradições que são pertencentes.

Abib (2017) discorre sobre o aspecto do tempo que acontece no ritual da roda de capoeira, do diálogo corporal, remete toda uma ancestralidade, incorporando todo rito, memória e tradição de um povo, onde os capoeiristas sentem essa força presente ao som do berimbau. Afirma que:

Quando numa roda de capoeira angola, os jogadores, antes do jogo, agacham-se em reverência, e no cantar de uma ladainha, invocam todo um passado de luta e sofrimento; quando se busca nesse momento de celebração, toda a memória e a tradição espiritual de um povo que segue resistindo há séculos de dominação; quando esse diálogo corporal se inicia expressando uma estética que remete a toda uma ancestralidade que incorpora referências rituais de um passado que continua vivo, tatuado no corpo de cada capoeira, talvez possamos compreender um pouco melhor a noção de circularidade do tempo; talvez possamos sentir essa força instauradora a de um passado que vigora a cada vez que os acordes de um berimbau ecoam como navalha cortando o ar. (ABIB, 2017, p.110).

Nesse sentido a tradição, o conhecimento, não foi negado pelo Mestre Eudochio Reis, mesmo sabendo que dificultaria na sua renda e na manutenção da academia. Tradição é o conjunto de bens culturais que se passa de geração em geração na essência de uma comunidade. Trata-se de valores e costumes que são conservados por serem considerados de grande valor pela sociedade em geral, e que a pretensão seja inculcar às novas gerações para nunca se perder de seus costumes. Como aponta Raymond Williams: “[...] à tradição sempre seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de identificação social e cultural.” (1979, p. 118).

As tradições como podemos observar é passada de geração para geração, nesse sentido destacamos toda a trajetória que a capoeira vivenciou e foi transmitida pelos seus detentores dos saberes e que resistiu com o passar dos tempos. Todos os padrões consolidados da mente humana, todos os padrões de crença ou modos de pensar, todos os padrões consolidados das relações sociais, todas as práticas, técnicas e todos os artefatos físicos ou objetos naturais que são suscetíveis a se tornarem objetos de transmissão; cada um deles é capaz de se tornarem uma tradição. (SHILL, 1981, P. 16)

Fazendo um levantamento dos atuais grupos e associações existente na cidade de Eunápolis, até o presente momento temos 09, são eles:

Associação Ginga Eunápolis - Mestre Eudochio Reis

Associação Expressão Afro Cultural - Mestre Washington Bahia
 Associação Cultural Capoeira Raça - Contra Mestre Wilson Bittencourt
 Grupo de Capoeira Resgatados por Cristo - Mestre Irineu Gomes
 Grupo Menino do Mestre - Contra Mestre Diel
 Grupo de Capoeira Canavial - Contra Mestre Filhote,
 Grupo de Capoeira Filho de Deus - Mestre Danilo,
 Associação de Capoeira Sul da Bahia - Professor Audrin,
 Grupo de Capoeira Pernada Baiana - Professora Andorinha.

Dos 9 grupos, 8 são projetos sociais e 7 são descendentes do Mestre Walter. Mestre Walter deixou um legado, uma história de sucesso dentro da capoeira em Eunápolis, uma trajetória da capoeira que iniciou no ano de 1975 e permanece até os dias atuais. Fazendo de Eunápolis uma cidade de grande celeiro para a capoeira na Bahia.

O empenho e dedicação foram a marca desta nova geração, depois da breve passagem do Mestre Walter, os alunos tiveram que treinar sozinhos, sofriam resistência, muitas vezes pela própria família por frequentar a capoeira e toda essa força de vontade, foi muito importante para a continuidade da capoeira em Eunápolis.

Mesmo o Mestre Marinaldo Pereira não apoiando o Mestre Eudochio Reis a abrir seu próprio grupo, pois estava dando aulas sem cobrar dos alunos. Mestre Eudochio Reis abriu o seu próprio grupo e daí em diante se estabelece como projetos sociais, onde inseriram alunos que não podiam pagar pelas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo realizado, ficou evidente falta de pesquisas sobre a capoeira em Eunápolis, muito provavelmente pela ausência de documentos escritos, é possível que tenha alguns fatos em jornais de época, no entanto a utilização dessas fontes não foram possíveis pelo fato desses documentos não estarem organizados em um arquivo e disponível para consulta do pesquisador, assim, as fontes orais tornaram se essenciais, e foram as entrevistas que preencheram algumas lacunas e podemos dar andamento a esta pesquisa.

Observei que no decorrer da pesquisa, e de acordo com conversas com alguns Mestres atuante em Eunápolis, que a maiorias das associações e grupos existentes em Eunápolis,

talvez pelo fato de serem projetos sociais, a maior parte dos alunos não ajudam financeiramente, em alguns casos por falta de recursos também, pelo fato das academias serem em bairros periféricos e contar com alunos de baixa renda. O aspecto observado, foi a transição da capoeira que as aulas eram pagas, para a aulas grátis, quando a prática foi transformada em alguns projetos sociais. Segundo o Mestre Eudochio Reis, por um lado crianças que não tinha condição de pagar pelas aulas, passaram a ter a oportunidade de conhecer e praticar a capoeira sem pagar, por outro lado, há uma desvalorização dela. Mestre Eudochio Reis conta que talvez se tivesse cobrado desde o início isso não teria acontecido.

O Mestre Rubenval Marques conta que a maioria dos Mestres que ele conhece que têm projetos sociais, quando vão aos eventos de capoeira, se queixam de não ter dinheiro para viajar, pois não recebem por darem aulas de capoeira.

Destacamos também a dificuldade que o Mestre Walter teve em manter sua academia, que também segundo o Mestre Rubenval Marques, com a falta de recurso financeiro, mesmo cobrando pelas aulas, a administração pública não contribuía para o crescimento da capoeira.

No decorrer da pesquisa, deparamos com o desafio que foi a pandemia do Corona vírus, que iniciou em março de 2020, quando estava fazendo contato via telefone com o Mestre José Carlos (Mestre Biriba) que segundo o Mestre Rubenval Marques, é irmão do Mestre Walter, Mestre Biriba mora na cidade de Canavieiras na Bahia, e a entrevista não pôde ser realizada por ele fazer parte do grupo de risco, provavelmente ele teria muitas informações sobre o Mestre Walter.

O Mestre Walter herdou a função dada pelo seu Mestre em ser guardião da memória da tradição e como veículo de transmissão, e esses saberes foram passados adiante. Como diria o Mestre Pastinha, “o Mestre guarda segredos, mais não nega explicação”, segredos esses que só o Mestre saberia explicar. O Mestre Walter cumpriu o seu papel com maestria, deixando um legado para futuras gerações na capoeira em Eunápolis.

Apreendi com os Mestres a força de vontade de alcançar seus objetivos, mesmo com a breve estadia do Mestre Walter, os seus alunos buscaram a prosseguir com a capoeira, treinando só, aprendendo com outros Mestres, se graduando e alcançaram o título de Mestre.

Através da minha pesquisa os capoeiristas terão mais acesso a História do início da capoeira em Eunápolis e servirá como ponto de partida para novas pesquisas, novos olhares, novas interpretações sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. *Capoeira Angola: Cultura Popular e o jogo dos saberes na roda*. 2ª ed. - Salvador: EDUFBA, 2017
- ALBERT, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALBERT, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio, 2005
- ASSUNÇÃO, Mathias R.; VIEIRA, Luiz Renato. *Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira*. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Universidade Cândido Mendes, n. 34, p. 81-120, 1999.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL, Secretaria de Educação *Crônicas históricas do Rio Colonial Fundamental. Parâmetros Curriculares Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental*, 1998. 114p. (PCNs 5ª a 8ª Séries).
- CAMPOS Hélio *Capoeira na universidade: Uma trajetória de resistência*. – Salvador: SCT, EDUFBA, 2001
- CARVALHO NETO, Sidrach de. *Santa Cruz Cabralia: cinco séculos de história*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2004.
- CAVALCANTI, Nireu Oliveira. *Crônicas históricas do Rio Colonial*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira/FAPERJ, 2004.
- CIDADE. *O povoado sem sorte, Desventuras de Eunápolis, que pertence a dois municípios e não é servido por nenhum*. *Revista Veja*, Editora Abril, n° 534, 28/11/1978. p. 67.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, p. 17 de Janeiro: Editora FGV, 2004. Eduardo de Faria (org.). *A literatura no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Global, 1997. v. 6
- FERREIRA, I. *A Capoeira no Rio de Janeiro: 1890-1950*. Coleção Capoeira Viva, 2007.
- FILHO, João Alves. *Nordeste estratégias para o sucesso* (1997)
- FLAMERION, Ciro; Vainfas, Ronaldo. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.
- FONSECA, Vivian Luiz./ *Capoeira Sou Eu – memória, identidade, tradição e conflito*. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC; Fundação Getúlio Vargas, 2009, 255 P.
- FREITAS, J. L. *Capoeira na Educação Física: como ensinar*. Curitiba: Progressiva, 2007

LEMOS G.S; NARESSI, A.B. *Educação e valores através da capoeira na escola*. I Seminário Nacional de Filosofia e Educação – Confluências. Centro de Educação – CE e do Centro de Ciências Rurais – CCR, da UFSM, abril de 2004.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. In: MONTEIRO, Ana Maria F.C: GASPARELLO Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza, organizadores. *Ensino de História: sujeitos, saberes e praticas*. Rio de Janeiro: Mauadx: FAPERJ, 2007

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Dpea, 2004

HORN, Geraldo Balduino e Germinari, Geysy Dongley. *O ensino de História e o seu currículo: teorias e métodos*. Petropolis, RJ: Vozes, 2006

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto (Mestre Teco). *Desenvolvimento psicomotor fundamentado na prática da capoeira e baseado na experiência e vivência de um mestre da capoeiragem graduado em educação física*. 2004. 450 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicomotricidade) -Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2004.Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: educação física.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil / Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinheiro Leal*. - Salvador: EDUFBA, 2009. 200 p.: il.

PIRES, Antonio Liberac C. S. *Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 –1950)*. Dissertação de doutorado em filosofia e ciências humanas, Instituto de Filosofia, UNICAMP, 2001.

Plano Diretor Urbano de Eunápolis, Volume síntese. Salvador, 1977, p.7.

REGO, W. *Capoeira Angola: ensaio sócio - etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968. Coleção Baiana

RIBEIRO, Geraldo Magela. *Eunápolis de mata a cidade*. Eunápolis-BA, 1998, p. 20.

RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação, Tradução*: Artur Morão. Portugal: Porto Editora, LDA, 1995.

SÁ, Charles Nascimento de. IN: FILHO, Odilon Pinto de Mesquita(org.). *Turismo em Porto Seguro- BA: Aspectos*. Itabuna: Ilhéus: Via Litterarum, 2006

SANTOS, L. S. *Educação: Educação Física–capoeira*. Maringá: UEM, 1990.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A negregada instituição*, 1999, LEAL, Luiz Augusto. *Capoeira, boi-bumbá e política no Pará republicano*, 2005, OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes*, 2005.

SODRÉ, M. *Santugri*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Ed. São Paulo, Paz e Terra. 1992

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VASSALLO, Simone P. *Resistência ou conflito? O legado folclorista nas atuais representações do jogo da capoeira*. Campos (UERJ), v. 07, p. 71-82, 2006.

VIEIRA Sergio Luiz de Souza, *Capoeira - Matriz Cultural Para Uma Educação Física Brasileira*. – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 1997.

VIEIRA, L. R. *O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

SITES

Blog do Mestre Bicheiro. Disponível em: <<http://mestrebicheiro.blogspot.com/2016/04/historia-do-uso-do-cordao-na-cintura.html>>. Acesso em: 01 de novembro. 2020

Blog do Mestre Marinaldo. Disponível em: <<https://www.capoeirajacksonville.com/meet-mestre-marinaldo>>. Acesso em: 05 de fev. 2018

Blog da Jornalista Rose Marie. Disponível em: <<https://www.blogdarosemarie.com/2017/11/04/eunapolis-67-anos-de-fundacao-uma-cidade-com-o-coracao-na-estrada/>>. Acesso em: 01 de jul. 2019

Conceito de tradição. Disponível em: <<https://conceito.de/tradicao/>>. Acesso em: 10 de junho. 2020

Facebook do grupo Ginga Brasil. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/grupogingabrasilpologaranhuns/posts/721987058204844/>>. Acesso em: 5 de novembro. 2020

Fundação casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_FranciscodeAssisBarbosa_Apresentacao_livro_RuiBarbosa_queima_arquivos.pdf>. Acesso em: 22 de dez. 2019

História do Mestre Pastinha. Disponível em:< <http://velhosmestres.com/br/pastinha-1966>>. Acesso em: 07 de Nov. 2020

Instituto Municipal de Administração Pública. Site oficial da Câmara Municipal de Eunapolis. Disponível em:< <http://www.camara.eunapolis.ba.io.org.br/historia#> >. Acesso em: 01 de Nov. 2017.

Patrimônios Culturais Imateriais da Humanidade. Disponível em:< <https://www.dw.com/pt-br/unesco-reconhece-capoeira-como-patrim%C3%B4nio-cultural-imaterial-da-humanidade/a-18090747>>. Acesso em: 27 de jul. 2018

Portal do Iphan. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/6>>. Acesso em: 05 de jul. 2017

Site da Companhia Pernas Pro Ar. História da Capoeira. Disponível em:< <https://www.cppa.com.br/capoeira/historia-da-capoeira/> . Acesso em: 10 de maio. 2020

Site da fundação Romi. Disponível em:<<https://fundacaoromi.org.br/fundacao/index.php?pag=padrao&op=romi&id=385&op2=not>>. Acesso em: 5 de novembro. 2020

Site oficial do Mestre Eudochio. Disponível em:<<https://gingaeunapoliscapoeira.webnode.com/servicos/>>. Acesso em: 10 de abril. 2018

Significado de cultura popular. Disponível em:< <https://www.significados.com.br/cultura-popular/>>. Acesso em: 10 de junho. 2020

Título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/6>>. Acesso em: 05 de jul. 2017

Tombamento Federal - Processo nº 1021-T-80 Disponível em:< <http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/bem/conjunto-paisagistico-de-santa-cruz-cabralia/#> >. Acesso em: 23 de maio. 2021.

FONTES

ENTREVISTA 01

MARQUES, Rubenval. Capoeiragem no maior povoado do mundo: Inserção da capoeira regional em Eunópolis. (1975 a 1981). UNEB. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 15 de dezembro de 2019).

Porto Seguro Bahia, 19 de dezembro de 2019. Rua do Cais número 104. Bairro Centro, entrevista com Mestre Roberval Marques, conhecido como Mestre Estrela.

Entrevista para o trabalho de conclusão de curso de história do aluno Valter Báfica Bonfim Neto.

TEMA: Capoeiragem no maior povoado do mundo: Inserção da capoeira regional em Eunápolis.

VALTER: Mestre conte quando e como a capoeira entra na sua vida?

MESTRE ESTRELA: Comecei a capoeira, eu tinha quatro anos de idade, foi em Canavieiras, não tinha noção qual sentido que a capoeira ia seguir, eu comecei treinar assim até sem Mestre, depois de muito tempo eu conheci o Mestre Zé Carlos que era aluno do Mestre Walter, iniciei um pouco de capoeira com ele, ele me puxou para a academia dele, aí quando eu vir que não tinha mais coisas para eu aprender lá naquela academia eu tive que sair de Canavieiras e fui para Salvador, chegando em Salvador fiquei por lá durante 6 anos mais ou menos ou mais aí conseguiu pegar uma formação boa e aí voltei de novo para Canavieiras, eu não cheguei até Canavieiras, cheguei em Eunápolis, foi aí que conheci o Mestre Walter, até o momento eu não conhecia o Mestre Walter, ele tinha uma academia e começou a me dar aulas, só que quando ele me viu, viu meu treinamento, meu jogo de capoeira, ele falou você tem que ser professor de capoeira, ele me indicou como professor e se tornou meu Mestre de capoeira também, isso na academia dele, comecei a treinar lá, mas tinha uma larga experiência com capoeira, já treinava muito, já era bom de capoeira, ele me formou a professor e depois retornei para Salvador e me tornei a Mestre, isso na década de 80, vim pra Porto seguro, me tornei o fundador da capoeira em Porto seguro, 99% dos alunos de Porto Seguro, se não foi aluno meu, foi alunos dos meus alunos.

VALTER: Fale suas memórias sobre o Mestre Walter?

MESTRE ESTRELA: O Mestre Walter, era um Mestre muito bom de capoeira, como até hoje o capoeirista é taxado de vagabundo, malandro, a capoeira desenvolveu muito muito mesmo, mas até hoje é sociedade discrimina ainda o capoeirista. Como eu mesmo, eu sou um Mestre, eu tenho a minha residência própria mesmo aqui em Porto Seguro entendeu, eu não

dependo de político nenhum, nunca participei de associação, de campanha de políticos essas coisas nunca me envolvi com nada, minha vida foi sempre foi capoeira, e o Mestre Walter ele tinha um trabalho muito bom em Eunápolis, Só não tinha apoio entendeu, ele se injuriou também né que ninguém apoiava, até hoje você sabe, que é sociedade, os órgãos não ajuda, os capoeiristas, os Mestre fica falando que eu vou montar associação, vou montar esse negócio da associação, esse negócio de projeto não existia antes, existia era capoeirista, uma boa capoeira, o Mestre tinha os ensinamento certo, hoje todos os Mestres de capoeira, não sei porque, com exceção do Mestre Estrela que já parou de dar aulas de capoeira, mas é o seguinte 99% dos Mestres tem associação um projeto, você vai nos eventos e ver Mestre se queixando que não tem dinheiro pra ir nos eventos, não tem dinheiro pra ir não sei aonde, tem que fazer igualmente o Mestre Estrela, quando eu cheguei e vir que não tinha condição de tirar o sustento através da capoeira, bancar minhas viagens, minhas coisas, comecei a procurar outra coisa para fazer, o trabalho tá entendendo, comecei a trabalhar em outra alternativa e conseguir vencer todas as faltas de grana né que a capoeira tinha, na minha academia, na época tinha 380 alunos aqui em Porto Seguro e quando chegava o fim do mês eu não tinha nem o dinheiro para viajar, tô trabalhando errado, porque vou trabalhar desse jeito, vou trabalhar para passar necessidade, vou trabalhar pra ter o meu conforto, e o Mestre Walter também se injuriou, com alunos, com a falta de estrutura, o Mestre não tinha uma casa para morar, não tinha uma academia própria, foi para Belo Horizonte e veio a falecer, eu fiquei sabendo através de outras pessoas que ele faleceu, do irmão dele, que o irmão dele é vivo até hoje, ele mora em Canavieiras, Mestre biriba, o apelido, o nome de identidade é José Carlos foi o meu primeiro Mestre, assim que ele me puxou, me aceitou na academia dele, e depois ele viu também que não tinha mais capacidade de me ensinar, então eu vou procurar outro mundo, mas eu devo tudo à ele entendeu, é o Mestre que eu estou sempre tendo contato, estou sempre ajudando ele no que eu posso né, agora mesmo lá em cima, lá na minha casa, lá dentro, tem lá uma ruma de roupa de capoeira, camisa. CD, DVD tudo para levar para ele, ele gosta muito de roupas de capoeira, normalmente eu uso uma roupa de capoeira para trabalhar, uma camiseta só, nem vestimenta de capoeira eu não gosto de sair com ela, só quando vou nos eventos, quando vou nos eventos eu vou com meu uniforme bonitinho, tudo lavadinho, mais na rua eu não gosto de usar não, isso é coisa minha mesmo.

VALTER: Quem era o público? Eram pessoas de bairros carentes? Pessoas de poder aquisitivo? Existiam pessoas de fora (turistas) que procuravam a academia de capoeira?

MESTRE ESTRELA: Foi bastante, foi muitos alunos, o que teve mais afinidade e levou a capoeira mais a frente foi o Mestre Marinaldo, Mestre Eudochio, o Mestre Eudochio foi meu aluno também. Não me lembro muito dos alunos e igual eu aqui, eu tive tanto alunos aqui em Porto Seguro que se você me perguntar malmente eu consigo me lembrar de uns cinco ou três, era muitos alunos pra eu botar na memória assim, como sou uma cara que não muito ligado a memória, de me lembrar das coisas entendeu, de números essa coisas e tal, eu gosto de viver o presente ali, no outro dia eu já quero partir para outras coisas. A capoeira é um dos esportes mais barato que existe no mundo, o Mestre Walter tinha uma galera de elite de grana e tinha uma galera da população mais carente e você ver que a população mais carente são os que mais se dedica a capoeira. em Eunápolis não existia público de turista, era mais a população mesmo, o Mestre Walter tinha um público que podia pagar e tinha outro público que não tinha condições de pagar a academia e por incrível que pareça o pessoal que tinha menos poder aquisitivo eram pessoas quem mais se desenvolvia e se destacava mais na academia entendeu? e o filho do barão ia lá para tirar onda, para dizer que estava na academia, dia ia, dia não ia está entendendo? como eu aqui em Porto Seguro, eu tinha uma parte da elite, só que eu joguei com a minha cabeça, eu sou descendente do Mestre Bimba, Mestre pastinha, Mestre bobo, os Mestre vai velhos, eu via as situações financeiras deles e tal e eu tive uma visão melhor, quando eu sentir que não ia conseguir ter nada dando aulas de capoeira, eu esquivei de todo mundo, eu queria ter um trabalho paralelo a capoeira, mas com o objetivo assim de mandar meus berimbaus que fabrico para fora do Brasil, foi a forma que conseguir e consigo até hoje, é um trabalho totalmente diferente, eu dou mais aulas de capoeira, no dia que eu parei com a minha academia aqui, quando eu parei de dar aulas tinha a média de trezentos alunos, só via menino chorando, menina chorando, os pais ligaram cobrando porque meu filho chegou em casa chorando, respondi que pra você eu posso falar, pro seu filho de quatro, cinco anos eu não posso falar, a academia está sendo fechada porque você não paga a academia, no pagamento fica enrolando, é amanhã é depois e nunca manda o pagamento e eu não estou aqui pra dar aulas de graça e passar fome com a minha família , eu tenho um objetivo na minha vida e graças a meu Jesus, depois que eu parei de dar aulas, que comecei a trabalhar com berimbau a minha vida deu uma guinada assim de noventa graus, mudou tudo, hoje em dia eu viajo até com meu recurso próprio para os eventos, depende se eu quiser, eu não vou qualquer evento, tem que ser um evento de brother mesmo, de amigo meu, se quem me chamou pro evento não tiver condições

de bancar minha hospedagem, alimentação eu vou de boa, mais eu tenho que está tranquilo de boa, um exemplo: se chegar um cliente meu aqui, igual um cliente que tenho na Suíça que compra comigo aqui a muitos anos, eu não vou sair e deixar o meu cliente aqui sozinho e ir para um evento de capoeira que eu não vou ganhar nada entendeu? vou cuidar do meu cliente, tive muitos alunos ricos aqui, o pai dono de pousada, dono de hotel, de restaurante, mais chegava no fim do mês eles não pagavam a mensalidade, falei que não era isso que quero, quando eu dava aulas tinha uma quadra aqui, que hoje é garagem da minha loja, isso aqui era uma quadra que dava aulas e era tudo aberto, quando chovia, não tinha aula, ai fui trabalhando, foi a época que eu comecei a vender berimbau, desenvolvendo, eu não fui nenhum bobão para pegar meu dinheiro e usar porcaria, beber, fumar, usar drogas não, pequei o meu dinheiro e guardei para chegar hoje e eu ter meu imóvel próprio no valor ai de três milhões de reais, pra quem chegou aqui dormindo no chão, tenho o meu carro na minha garagem, não devo um centavo pra ninguém e hoje eu digo, sou um mestre independente, ajudo os outros mestre, meu mestre, tenho um mestre lá em Salvador, o Mestre Beto Mansinho, é eu que ajudo ele também está entendendo? mando material, quando não posso mandar dinheiro.

VALTER: Qual era a faixa etária dos alunos? Jovens? Adolescente? Criança? Adultos?

MESTRE ESTRELA: Eu quando dava aulas eu tinha alunos até de três anos, de cinquenta anos, de dezessete, de dezoito, e na academia do Mestre Walter a mesma coisa, inclusive quando eu cheguei por lá ele vinha muito pouco na academia, me entregou a galera pra eu dar aulas, a galera gostava porque eu tinha um treinamento muito forte, muito bom, puxava a galera com gosto de gás, ele se mandava e chegava só depois das aulas e tal, tinha dias que nem vinha na academia, ele sentia uma segurança fora de sério comigo, quando eu destacava, quando a gente fazia apresentação ali na avenida Porto seguro e ele só queria jogar comigo que eu botava pra ver mesmo e ele gostava de jogar comigo.

VALTER: Em que local acontecia às aulas de capoeira? Quantos e quais dias da semana?

MESTRE ESTRELA: Uns dos locais que eu me lembro era um espaço no centro na rua que vai pra colônia, perto do mercado de carne. Antigamente a gente nunca tinha dias da semana,

era todo dia, o Mestre fazia questão que os alunos chegasse lá todos os dias para treinar, se segunda a sábado, sábado fazia um rodão está entendendo, quando não tinha roda na academia, a gente ia pra rua fazer roda, era uma parte que eu não curtia muito, até hoje eu não curto roda de rua, eu sempre fui um capoeirista acadêmico, eu nunca gostei de roda de rua, até hoje eu não gosto, é tanto que quando eu vou em algum lugar que tem alguma passeata com berimbau e não curto, eu gosto de ir pro evento de capoeira, pra um batizado.

VALTER: Houve dificuldades para conseguir o espaço físico de funcionamento da academia?

MESTRE ESTRELA: Por incrível que pareça, agora que estou me lembrando, depois que atravessa a pista, no bairro pequi, tinha uma academia ali também, só que era uma quadradinho menor, na época de Marinaldo, não era aquela academia grande, igual depois que a gente mudou para cá, pro centro, eu quando cheguei de Salvador e alcancei vendo ele nessa academia, era uma academia pequenininha tal, mas assim tinha um ensinamento muito bom e ensinava bem mesmo, ele tinha prazer em está ensinando os alunos né, mas você sabe que antigamente, como até hoje a capoeira chegou em um patamar mais a sociedade detona, você chegar num local para dar aulas de capoeira, a sociedade chama os capoeirista de ladrão, vagabundo, maconheiro, tem muitos pilantras, mais como você ver, se Deus não agradou a todo mundo, que dirá os capoeiristas.

VALTER: As aulas eram pagas ou gratuitas? Existia algum projeto social?

MESTRE ESTRELA: Bom como já falou, tinha, o Mestre cobrava uma matricula lá, não me lembro de quanto na época, e quem tinha condições pagaria a mensalidade, não me lembro direito, essa parte do pagamento eu não resolvia, minha parte era dar aulas e muitos alunos dele não gostou, mais eu já tinha um ensinamento muito forte, já estava muito bom, eu já vinha de outro Mestre de Salvador, já tinha passado pelo meu Mestre também em Canavieiras, que foi a minha referência de capoeira aqui no sul da Bahia, eu comecei com ele, ao todo eu tive três mestre de capoeira, que foi o Mestre Biriba, Mestre Grapete de Salvador e o Mestre Walter. Eu vim para Eunápolis e como eu não tinha formação eu ele foi o meu terceiro Mestre, o Mestre Walter, tem muitos anos, eu era garoto, antigamente ninguém se ligava, hoje você está aqui, está gravando, está filmando, tirando fotos, você pode arquivar aquilo ali, eu mesmo tinha bastante fotos aqui e como eu bati laje, cabeí perdendo quase tudo,

só tenho alguma aqui ainda porque estava em outra academia que tenho na cidade de Guaratinga.

VALTER: Faça uma descrição das músicas? Instrumentos? Abadas? Como conseguiam essas vestimentas?

MESTRE ESTRELA: Não tinha outro tipo, hoje em dia os alunos usam elanca, malha e tal noventa e nove por cento, todo mundo, até o Mestre usava calça de pano de saco de açúcar, comprava ali e lavava, ficava branquinho, fazia uma calça coronha, hoje em dia não, hoje você vai na academia está todo mundo de camiseta, antes ninguém treinava de camiseta não, era calça e pronto e hoje chega na academia ver o cara de sapatilha calça de elanca, camiseta, antigamente não tinha esse negócio não, a gente usava pano de saco de açúcar, pedia pra uma pessoa fazer o abadá. Os instrumentos eram o atabaque, pandeiro, agogô, hoje poucas rodas de capoeira usam agogô, eu quando dava aulas usavam todos os instrumentos, pandeiro, atabaque, berimbau, agogô, meus alunos eu ensinava a tocar todos os instrumentos, mais lá na academia do Mestre Walter em Eunápolis, a gente usava atabaque, pandeiro, agogô, berimbau. As músicas hoje tem muitos Mestres que compõem, eu mesmo também tenho bastante músicas de capoeira, e as músicas eram as principais, paranaue, música do Mestre Suassuna do cordão de ouro, as que gente usava mais, músicas do Mestre Caiçara. as músicas não eram composição do Mestre Walter, a gente só reproduzia as músicas dos outros Mestre, na época a gente meio calouros, a gente não sabia a proporção que a capoeira ia ter, hoje se o Mestre estivesse vivo, como ele era um cara muito estudioso, ele estava sempre renovando, quem sabe hoje ele não teria uma cd gravado. Eu penso assim, como o compositor de música de capoeira, o cantor, o cantador, a gravadora não contrata, o mestre tem que ter o próprio dinheiro dele para poder gravar seu cd, um cd de qualidade custa grana, custa caro, eu já até tive dinheiro em mãos para gravar um cd, mais por outra parti, eu não poderia investir vinte, trinta mil em um cd e minha casa ficar caindo aos pedaços, eu preferi investir na minha casa e sem falar que hoje você grava um cd e as pessoas baixa na internet e não compra um cd na sua mão. Eu investir meu dinheiro construindo casas, para amanhã, depois ser minha aposentadoria, quando eu não poder dar mais aulas, vou ficar aqui de boa, tocando um berimbau, cantando uma ladainha

VALTER: No caso dos métodos utilizados nas aulas, de que forma o Mestre ensinava?

MESTRE ESTRELA: A disciplina dele era muito boa, o cara tinha que manter os horários, os treinamentos dele era bom muito, hoje em dia o Mestre que ensina capoeira, ensina por ensinar, muitos não ensina a capoeira com amor, com dedicação como os Mestre de antigamente ensinava, eles estão visando mais a parte financeira, hoje se não tiver dinheiro para pagar você não entra, nem todas academia, ainda tem muitos Mestres ai que ainda dar aula de graça ainda, é uma coisa que eu não fiz na minha vida, por que é a minha profissão, me formei nisso aqui e sou profissional no que faço, não sou amador, tive alunos bolsista na academia, mas noventa e nove por cento dos alunos eram pagos, eles não cumpriam com o pagamento, mas quando eu sentir que não ia dar certo, que não iam pagar eu mandei todo mundo em bora, como a academia sempre foi minha, nunca tive patrocínio de prefeitura, de ninguém, tudo aqui que você está vendo sou eu quem faço, eu trabalho, se eu não conseguir fazer eu pago alguém pra fazer, então eu tenho o direito de escolher quem eu quero ou não quero na minha academia

VALTER: Como era as apresentações na academia do Mestre Walter, tinha apresentações na rua, onde acontecia essas apresentações?

MESTRE ESTRELA: Na rua tinha bastante, final de ano, sete de setembro, o Mestre saia com uma equipe muito bonita, muita gente, a única coisa que não tinha era um retorno e ele ficava muito injuriado com isso, ele não gostava, era um fanático de capoeira e ele não tinha um retorno financeiro.

VALTER: Quais as dificuldades encontradas na prática da capoeira nesse período inicial?

MESTRE ESTRELA: A gente já chegou em uma parte lá em Eunápolis, que não tinha muito problema não, a sociedade não aceitava o capoeirista, a gente não tinha nenhum problema não de treinamento, não mexia com a gente, a gente não mexia com ninguém entendeu? a gente ficava na nossa, eles ficavam na deles lá, nunca tive dificuldade não, o Mestre teve que ir na delegacia assinar um termo de responsabilidade para poder manter a academia aberta e não tinha problema de invasão de polícia querer fechar a academia não, era respeitada.

VALTER: Como a capoeira era vista em Eunápolis? Existia interesse da população?

MESTRE ESTRELA: A sociedade em si é assim ele não chega até você e questiona, fala o que está acontecendo e tal, ele passa ali e ver Mestre treinando ou tocando um berimbau, ou atabaque e fala está vendo ali, isso é coisa de vagabundo, isso é coisa de malandro, isso é coisa de maconheiro, até hoje, eles não são capaz de chegar até a pessoa e conversar, procurar saber qual é o fundamento, qual objetivo, eles saem detonando e até hoje é assim a sociedade detona as pessoas, sem saber o que está se passando, o que está acontecendo, a capoeira evoluiu, mas ainda é descriminalizada, a capoeira não, os capoeiristas. A capoeira virou patrimônio histórico brasileiro porquê? eu gradeço muito a capoeira está esse patamar, mais a capoeira se tornou patrimônio histórico por causa dos estrangeiros, o Mestre Joao Grande hoje ele é cidadão de nova York, vivia aqui passando fome, em Salvador, trabalhando em posto de gasolina, a maioria dos Mestre sofreram na pele.

VALTER: Você lembra-se de alguma situação de reclamação realizada formalmente da capoeira, alguma queixa em delegacia?

MESTRE ESTRELA: Por incrível que pareça, não

VALTER: As pessoas tinham um olhar preconceituoso com relação a prática da capoeira? Como vocês reagem diante desses olhares preconceituosos?

MESTRE ESTRELA: Tinha, a gente ignorava, sabe por que, era uma coisa que a gente queria para nossa vida, quando você escolhe um objetivo, uma coisa para fazer, seja ela em uma profissão de pedreiro de servente, de karate, de judô, você tem que ser honesto com você mesmo.

VALTER: Agradeço ao Mestre Estrela, estamos finalizando aqui. Obrigado Mestre, pela entrevista.

ENTREVISTA 02

REIS, Eudochio. Capoeiragem no maior povoado do mundo: Inserção da capoeira regional em Eunápolis. (1975 a 1981). UNEB. Entrevista cedida a Valter Báfica Bonfim Neto em 12 de dezembro de 2019)

Eunápolis Bahia, 12 de dezembro de 2019. Rua Marcílio dias 1492. Bairro: Pequi

Entrevista com o Mestre Eudochio Rodrigues Reis, Mestre da associação ginga Eunápolis.

Entrevista para conclusão do curso de história do aluno: Valter Báfica Bonfim Neto,

TEMA: Capoeiragem no maior povoado do mundo: Inserção da capoeira regional em Eunápolis.

VALTER: Mestre conte quando e como a capoeira entra na sua vida.

MESTRE EUDUCHIO: Meu nome é Eudochio Rodrigues Reis, nascido em 1968, comecei a capoeira em 78, e a capoeira entrou na minha vida através dos meus pais e minha avô, eu perdi minha mãe cedo. Fui morar com a minha avó, na mesma rua e no mesmo bairro que eu morava, que moro até hoje. Tinha uma associação de capoeira chamada cordão de ouro na época, e o Mestre dela chamava Mestre Walter e quando eu comecei a praticar capoeira, nessa época como eu era pequeno, com 10 anos de idade, eu sempre pegava frente, junto com meus colegas, quando foi um dia de sábado, dia 04 de setembro, sempre me alembro por causa da minha avó, sempre me lembrava isso, eu fui pegar um frete e o frete que eu peguei era da esposa do Mestre da capoeira, que era o Mestre Walter e daí eu fui e troquei esse frete pra dá uma assistida lá. Porque todo mundo pagava pra fazer a capoeira na época, não era de graça, daí eu fui e comecei encostar, foi em um dia de sábado, uma roda que teve, todo sábado era roda de salto, era que fazia “maculelê” e tal e tinha essas brincadeiras dentro sistema da capoeira, foi ai que eu comecei interessar, só que lá já tinha muitos caras já bom de capoeira, tinha o Mestre Marinaldo, tinha o Mestre Ruberval, tinha outros mais que praticava capoeira junto com a gente e daí eu comecei praticar e comecei a desenvolver os treinamentos com o Mestre Walter e daí o Mestre Walter foi embora para “Belo Horizonte” e ai deixou o Mestre Marinaldo, na verdade já na corda roxa, já tinha um treinamento bom, são uns camaradas que sempre tinha, são uns camaradas que era tudo de largo de apresentação e o Mestre Ruberval que é o Mestre Estrela, foi embora para Porto Seguro. Lá em Porto Seguro, o Mestre abriu uma academia, e abriu essa academia, e ai a gente ficou por aqui em Eunápolis, e eu acompanhei o Mestre Marinaldo. Quando foi em noventa, 1990 eu pedi pra sair e abrir um grupo, e aí eu comecei a abrir o meu primeiro grupo, grupo de capoeira axé Bahia, aí em 90 para 92 eu abri o grupo de capoeira águia dourada. Quando eu abrir esse grupo águia dourada, ai ficamos até 2002. Ai em 2002 fundei a associação Ginga Eunápolis. A capoeira tem um

fundamento muito especial na cidade de Eunápolis, começou no bairro do pequi, onde foi a primeira academia. A segunda academia, foi no bairro do Gusmão ao lado de onde hoje é o ponto de cultura Viola de Bolso e terceira academia na rua do peixe e hoje é a atual rua dos fundadores, daí pra frente a capoeira foi tomando rumo, o Mestre Marinado foi embora. O Mestre Estrela tinha criado uma academia na cidade de Guaratinga e ficou eu Mestre Eudochio aqui comandando. Hoje nós somos responsáveis por essa capoeira que convive nas escolas, meu grupo foi o primeiro a abrir os espaços das escolas públicas de Eunápolis e hoje a capoeira pra mim é tudo na minha vida, ela é, ela foi que me deu todos os espaços da vida, ela me deu todo amparo para ser o homem que sou hoje, o cidadão que sou hoje. E daí pra frente a capoeira se movimentou dessa forma, o Mestre Walter não fazia capoeira de angola, era sistema regional, foi tanto que a gente foi começar a aprender angola, bem já, eu já com 28 anos por ai, uns 27 anos, que eu fui começar aprimorar , entendeu, fazendo uns cursos, e tá ai viajando sempre para Salvador e a gente começou a aprimorar o estilo de angola junto com a regional.

VALTER: Fale suas memórias sobre o mestre Walter.

MESTRE EUDOCHIO: O Mestre Walter era um camarada baixinho, forte, cheio de devoção. Dentro da academia dele sempre colocava um como de água atrás da porta, dizia que era pra espantar os maus olhados. Era um camarada que tinha um maior carinho para ensinar, o mesmo treinamento que ele passava para um adulto ele passava para uma criança, um “AU” (movimento da capoeira. Igual uma estrelinha) tinha que fazer do lado esquerdo e do lado direito e tinha gente mais velho que não dava um “au” certo, ele pegava e ensinava pra a gente. O círculo de ginga era 4 bolinhas que ele fazia no chão para gingar adiante daquelas bolinhas, da direita pra esquerda e da esquerda para a direita, não podia entrar na roda de capoeira sem aprender a gingar. Quando passava a fazer os passos da ginga “um, dois, três, um, dois, três”, que é o passo da ginga da capoeira, passava para aprender o “AU”, movimento que contém as duas mãos no chão e os pés pra cima e tinha que fazer o lado direito e lado esquerdo, e o aluno quando estava bom mesmo pra entra dentro da roda da capoeira ele tinha que saber fazer a primeira sequência do Mestre Bimba, a mesma sequência que estamos treinando ela até hoje, que é a base. Ele era um cara muito amoroso com a gente, perguntava se a gente tinha tomado café, ele era um cara que quando chamava a gente, perguntava se a gente estava bem, o exercício era forte pra caramba, era uns agachamentos “filha da puta” que a gente fazia e ele tinha um maior carinho com os alunos. Marinaldo ele

puxava mais o saco, que era um dos mais velhos e o mestre estrela também, os dois eram os que viajavam sempre com ele, começa fazer apresentação, eles gostavam muito de dar “flipe”, dar salto e na regional você sabe, que a movimentação era salto e mais salto que eles aplicavam e isso começou a capoeira eunapolitana a ter esse crescimento. Mas teve muito cara bom de capoeira, na época do Marinaldo, teve outros que já faleceram, como o Mestre Renatão, foi uns dos capoeiras que o Mestre Walter tinha também como parceiro da a gente, até o nego tatuagem também ainda pegou alguns treinamentos na época com o Mestre Walter. Mas hoje, o Mestre Walter deixou dois, três líder na cidade, foi Eudochio o mais novo, o Mestre Rubenval (Mestre estrela) e o Mestre Marinaldo.

VALTER: Quem era o público? Eram pessoas de bairros carentes? Pessoas de poder aquisitivo? Existiam pessoas de fora (turistas) que procuravam a academia de capoeira?

MESTRE EUDOCHIO: Aqui a apresentações que era feita para o público eram todos os domingos. Todo domingo aqui em Eunápolis na praça da bandeira, era um celeiro de karatê, capoeira, inclusive tinha o camarada que trouxe o karatê aqui pra Eunápolis, que se chamava professor Edmilson da academia Shurenrio, qual também eu fiz Karatê também aos nove anos, de oito pra nove anos, mas o público maior era quando fazia apresentação todos os domingos. Todos os domingos as apresentações de capoeira eram feitas, eram exibição, era exibição de salto e era uma brincadeira fora de sério, terminava o pessoal do karatê, entrava a capoeira, era bom demais. E dentro da academia o público era os da academia mesmo, por que não podia entrar gente de fora, a porta andava lotada, todos os dias, de segunda a domingo a academia cheia, aluno pra caramba, tanta gente que vinha de fora, o pessoal vinha de Porto Seguro, do Arraial da Ajuda, de Trancoso para fazer a aula, o pessoal de Itagimirim, e as apresentações maiores que fazia eram sempre no Micareta de Itagimirim. Todo mundo ia pra lá, faziam as rodas de capoeira, passava o pandeiro ganhava dinheiro, iai certo eram assim o público e o pessoal que treinava com o Mestre Walter eles pagavam para fazer capoeira, eu não pagava. Ele tinha liberado pra mim as aulas, todos os dias quando eu chegava eu era o primeiro a lavar e passar pano para poder pagar as aulas, quando Marinaldo chegava e o Mestre Walter a academia já estava toda limpa, eles eram os camaradas de frente e por ai eram assim, eram um público bem aconchegante porque o bairro do pequi sempre foi assim apaixonado por capoeira, hoje você ver qualquer rodinha que se faz ali no pequi o pessoal já lembra logo, é igual o do domingo do estudante, que tinha antigamente que a gente fazia apresentação de capoeira. A capoeira fugiu mas, devido as coisas ruins que veio para as

praças, a prostituição, as drogas, as arruaças, os tiroteios e aí como temos um grande número de crianças menor fazendo capoeira, a gente fica até com receio de levar pra praça.

VALTER: Qual era a faixa etária dos alunos? Jovens? Adolescente? Criança? Adultos?

MESTRE EUDOCHIO: O Mestre Walter gostava muito de crianças, faixa etária era de 3 anos, 4 anos, 5 anos, ele sempre falava que capoeira tem início mais não tem fim, a capoeira tem o início para entrar e daí pra frente, até os velhinhos tinha que fazer capoeira e tinha uns caras bem velhos lá que fazia capoeira também. Ele tinha uma disciplina muito boa, é tanto que quem passou pela mão do Mestre Walter hoje tem muitas lembranças dos exercícios, era um cara que quando os alunos brigavam na rua, ficava 3 dias, 4 dias, as vezes 8 dias de suspensão. As vezes ele botava na roda para o cara jogar com a galera todinha, as vezes quando fazia coisas erradas que ia pro clube social de Eunápolis, clube que tinha aqui onde a gente mais ia, quando alguém brigava lá, ele colocava a gente no corredor, cada um dá gente tomava uns tapas nas costas, nós ficávamos de castigo as vezes, então isso assim era o treinamento que o Mestre passava pra a gente, que na verdade era um treinamento de militarismo, um treinamento correto mesmo do que ele fazia.

VALTER: Em que local acontecia às aulas de capoeira? Quantos e quais dias da semana?

MESTRE EODOCHIO: Os dias da semana era segunda, terça-feira não tinha, ele sempre saía, ele ia para negócio de sessão espírita. Ele era espírita também, toda terça ele ia ao centro espírita. Ele fazia era segunda, quarta, quinta, sexta, sábado era roda pela parte da tarde, começava 14:00 da tarde e terminava 20:00 da noite, porque eram as faixas etária, o pessoal que estava estudando, que trabalhava no meio de semana de segunda a sexta, fazia capoeira no sábado. Sábado a academia lotava de gente, domingo era as apresentações, quando ele não fazia apresentação em um lugar, ele levava a gente pra Porto Seguro, ali pra pitangueiras pra puxar treino, levava um montueiro de gente, um montueiro de aluno pra poder puxar o treino, e era assim que ele se movimentava junto com a gente.

VALTER: Houve dificuldades para conseguir o espaço físico de funcionamento da academia?

MESTRE EUDUCHIO: Olha, o Mestre Walter por incrível que pareça, aqui em Eunápolis, ele nunca assim, ele nunca teve dificuldade, porque todo mundo pagava para fazer capoeira, não era de graça. Hoje a academia do Mestre Walter, hoje ela é ali onde era.. hoje na Rua Boa Vista, onde é a aquela casa de material de construção chamada blocolar. Aquilo ali se você vê o tamanho, tinha uma casinha no fundo. Uma casinha até de adobo, e aquela construção todinha ali só era a capoeira, entendeu. Então ele quando começou abrir essa brincadeira da capoeira aqui no pequi, ali onde era a antiga, onde é hoje a blocolar, na rua Boa Vista. Ele foi tentou abrir outra, e o dono lá pediu o terreno né, pediu a casa e aí ele foi abrir o outro lá no Gusmão, entendeu? de frente ao ponto de Cultura Viola de Bolso, que hoje na verdade é um bar, depois dali, aí ele foi já para o centro da cidade, pra antiga rua do peixe, aí lá que ele assim teve mais uma cheia de uns caras melhor tal, os cara que tinha mais dinheiro, que pagava mais, então ele foi um camarada bem assim, que teve um sistema da capoeira rígida, mas também que pagava, não é hoje, que a gente hoje o camarada está de parabéns em Eunápolis, porque ninguém paga para fazer capoeira, todo mundo joga, entendeu, todo mundo tem a dificuldade é só para entrar, mas depois que entra aí pronto aí já acostuma.

VALTER: As aulas eram pagas ou gratuitas? Existia algum projeto social?

MESTRE ODOCHIO: O projeto dele, só era mesmo a associação dele. E o projeto dele era mesmo aula, mas, porém, era pago, entendeu? pra alguns as vezes, ele dava uma bolsa, entendeu. Todo domingo ele fazia uma brincadeira na porta da academia, jogava bala para os meninos, aquele montueiro de menino na porta, ele fazia e jogava, entendeu, balinha para os meninos, fazia aqueles bolinhos de puba, entendeu, para dar, arroz doce dava para os moleque. E ele olhava, e tal e tal, fazia uma brincadeira, uma ginga, com os meninos tocando berimbau. Berimbau dele na época era tudo pintado, entendeu? com a bandeira do Brasil no berimbau, nas cabaças e era assim, entendeu? que ele tinha assim um carinho muito grande. Só que, porém, ele não abria a mão, porque ele não tinha assim, aquela intimidade com a prefeitura, entendeu, com estado para poder dar um lugar para ele manter essas aulas, por isso que era pago.

VALTER: Faça uma descrição das músicas? Instrumentos? Abadas? Como conseguiam essas vestimentas?

MESTRE EUDOCHIO: É, inclusive quando dentro da academia, os uniformes eram muito caro na época entendeu? que era aquelas calças de brim, e, assim era tipo, uma roupa, tipo uma gândola da roupa do karatê. E assim nós não tinha, só tinha só a camisa com o nome Associação de Capoeira Cordão de Ouro Mestre Walter, e com a bandeira do Brasil. A calça pela mesma forma, não tinha desenho de movimento de berimbau. O berimbau só tinha no centro da roda, mas a dificuldade era para nós arrumar essa calça, nós usava pano de saco, nós comprava campam de açúcar, mandava alvejar e lá quase todo mundo usava. Os cara que tinha uma calça boa, moletom na época era caro para caramba, os cara que tinha uma calça boa, uma malha boa, era Marinaldo, era o Rubenval, os que sempre viajavam para Itabuna, fazia apresentação de capoeira e participava de eventos, e aí lá comprava esse material e a gente era quase, todo mundo com paninho de açúcar, entendeu? as camisas entendeu? sempre aquelas camisa Hering entendeu, que o Mestre trazia e vendia. Às vezes, eu também não comprava, eles me davam, entendeu? devido assim, eu trabalhar, eu ajudar entendeu, para poder pagar minhas aulas de capoeira, pegava frente na época, engraxa sapato, fazia um monte de coisa para poder adquirir. Pra mim tá hoje a dificuldade era assim entendeu, a gente passa alguma coisinha assim, mas é uma coisa passageira, coisa de alunos, mas o Mestre, ele foi um camarada que não teve essa dificuldade entendeu? ter dificuldade assim para ensinar para a gente, para a gente tá o que tá hoje.

VALTER: **Você recorda de alguma música específica que era utilizada nas aulas do Mestre Walter? Pode cantar? Eram músicas criadas pelo mestre Walter ou reprodução?**

MESTRE EUDOCHIO: As músicas que a gente mais tocava, sempre dentro do movimento dele, como era um cara regional. Era um cara que ele não trabalhava com um berimbau, ele trabalhava com três berimbau. Ainda ele falava que os três berimbaus, assediavam a roda, e ele tocava, botava o tambor, um tambor, um agogô, um reco-reco, três berimbau, um gunga, o médio, o viola, dois pandeiros. Antigamente, pandeiro só ele que tinha. Um pandeiro de couro que ele tinha maior, maior segredo com esse pandeiro, que só ele passava para alguém e tal. Era um camarada que gostava de pagode pra caramba, e os pandeiro, tudo pandeiro bom, e as músicas, as músicas nossa era a música mais antiga, entendeu, é a música do “paranauê, paranauê paranauê paraná”, tinha essa, entendeu, “ou sim, sim, ou não, não”, essa era as quadras de sempre, entendeu, o Mestre tocava, e as outras músicas, dos toques da capoeira, era “A morte da capoeira”, que é o hino da capoeira. A gente ficava quase uma hora de relógio, entendeu, em pé, com a mão no peito e esperando que aquela música pudesse

terminar. Quando aquela música terminava, aí nós dava um salve, e daí ia para o treinamento, quando terminava, a gente tinha que ir de volta, quando ia começar a aula, era oração, então assim a musicalidade não ficou para trás dos ensinamentos do Mestre. Batuque, pandeiro, tambor, isso não ficou para trás. Isso aí, quem falar que treinou com o Mestre Walter e não aprendeu nada, é porque... que na minha época mesmo, todos que ficaram aqui em Eunápolis, todos teve uma didática boa, entendeu, instrumental. O meu instrumento, eu fui ganhar um berimbau que o Mestre me deu, quando eu fiz 12 anos, 13 anos na verdade. Meu berimbau era um litro, desse litrozinho de lata de leite ninho, arrumei uma vara e aí pronto, entendeu, e eu comecei. Eu só tenho uma coisa, que eu aprendi a tocar berimbau na verdade sozinho, eles tocavam lá eu ficava de cá, poxa, eu era, Ave Maria, agora para mim, se eu não tocasse berimbau, eu não era bom capoeira. E aí pronto, eu hoje, eu me sinto que hoje para mim não falta nada, entendeu, dentro, dentro dos meus estudos da capoeira e o mestre, ele teve essa didática para ensinar para gente.

VALTER: Ia perguntar aqui, se você recorda de alguma música específica, mas como você já cantou...

MESTRE EUDOCHIO: A música é, essa música específica, é uma música que ela é cantada se tiver um evento e não cantar esse “paranauê”, ninguém lembra do passado, o que é esse “paranauê” aí, entendeu?. E a gente tem que lembrar, porque o dono dessa música aí, ele foi um cara que fez sucesso. tanto que declarou todos, todos os movimentos, entendeu? para poder hoje a gente tá cantando ela.

VALTER: No caso, as músicas eram criadas pelo próprio Mestre, ou ele só reproduzia as músicas que já conhecia?

MESTRE EUDOCHIO: Ele tocava a música, porque antigamente, tinha só o eu “alembro” que as músicas que a gente mais tocava era as músicas de Suassuna com Dirceu, entendeu?. Os dois, têm que ter o Mestre Suassuna dando voo de morcego no Dirceu. Então as músicas era todas aquelas ali, entendeu, no disco de Suassuna. Hoje eu tenho aí um disco muito antigo de Suassuna que me faz lembrar quando, quando o Mestre ia dar aula, e todos treinamento dele era o discão lá em cima dessa nata riozinho e o pau comia, para aula para gente.

VALTER: No caso dos métodos utilizados nas aulas, de que forma o Mestre ensinava?

MESTRE EUDUCHIO: Ele começava pelo alongamento, pela a ginástica bem pesada, depois que você estava bem suado, aí ele ensinava você a ginga, a gingar, ensinava a você dá o “au”, dá benção, cocorinha, meia-lua de frente, cabo de arraia, que era o mais atrevido que ele passava para gente, entendeu?. Ensinava depois que terminava de movimentar, aí ele sentava no banco tocava berimbau. Ensinava a musicalidade para a gente, entendeu? Ele terminava de dar aula e perguntava a cada um de nós, o que foi que ele tinha passado naquele momento e você tinha que tá ali, entendeu? com a mente livre. Ele sempre falava quando você vir treinar capoeira, fazer seus treinamentos, por favor, deixa as ruindades em casa, porque aqui não recebemos isso, e era assim. E quando você errava e o movimento ele falava, vai ali, fazer ali 150 polichinelo, tá aí, Ave Maria do céu, pra gente era um desaforo aquilo ,mas esse era o treino que passava para gente.

VALTER: Quais as dificuldades encontradas na prática da capoeira nesse período inicial?

MESTRE EUDUCHIO: Rapaz, é como eu falei, a dificuldade foi só para abrir as portas para mim, porque eu não tinha condições de pagar aula de capoeira, eu via todos os dias, entendeu, pra lá para aula, tinha uma corrente, eu ficava lá olhando, pedindo a Deus que o cara me chamava. Teve uma vez que eu tomei uma surra na porta da academia, que meu pai falava que aquilo não era coisa de homem, que aquilo não era a luta para ninguém tá fazendo isso, que aquilo era coisa de gente vagabundo, de gente safado. O meu pai até hoje nunca gostou de instrumento de capoeira. Meu pai é um batuqueiro também comboni, entendeu, toque de tambor e também só que porém, ele não gostava de capoeira. Mas minha avó e a minha mãe é apaixonada com isso, então a dificuldade ficou assim, que eu ficava ali na porta querendo entrar para assistir, não conseguia, ele chegava afastava a porta um pouquinho, botava corrente. E aí quando foi num belo dia, eu fui pegar um frete, e quando vinha eu, topei a esposa dele, se chamava Índia, né, uma mulher muito bonita, muito inteligente também, dava aula também, além de dar aula de capoeira, era formada em magistério também, tinha um monte de molequezinho que ela dava aula pra eles, e aí eu fui pedir para ela, rapaz, deixa eu levar, deixa eu levar essa sua feira aí, ela falou tá bom, bota aí neguinho leva, dela tanto que meu nome era Nego Euduchio né, lá dentro da academia, e daí para frente eu comecei a trabalhar, limpava a academia, pegava frete todo sábado, eu levantava de manhã cedo.

Ela falava: - Olha, tal hora, sim assim, você vai me buscar lá.

Eu ia, na verdade era no pequi, aqui mesmo na feirona do pequi, aqui era, era um barracão, antigamente não tinha essa feira que tem hoje, era um barracão, onde que ficava cego, aleijado, tudo alojado lá, na época era um lugar feio para caramba, porque hoje modificou um bocado de coisa. E por aí a capoeira, ela foi assim, tomando assim as descendências assim de coisas boas na vida, e aí a gente foi tentando dar aula, e ver meus primeiros alunos. Aí eu fui tentando fazer a mesma coisa que o Mestre Valter fez comigo, e hoje tá aí eu dou graças a Deus que tem meu nome a zelar em todos os lugares. Tem outros alunos formados fora da Bahia, fora do Brasil, mas é a vida continua e a capoeira é isso aí, é amor, é amizade, é carinho e dedicação.

VALTER: Como a capoeira era vista em Eunápolis? Existia interesse da população?

MESTRE EUDOCHIO: Bem, você situou aí no momento legal. Antigamente como era paga, era prazerosa entendeu, das pessoas, dos pais levar seus filhos e lá eles assistir aula de capoeira. Você ter uma ideia, todo domingo era a capoeira na praça da Bandeira, na praça do Jacaré entendeu, todo domingo. Todo domingo, 5 horas da tarde, estava lá o rodão de capoeira, e antes assim, ela era bem vista porque todo mundo queria fazer capoeira, todo mundo ia fazer capoeira, todo mundo respeitava um treino da capoeira, todo mundo respeitava um amigo, um com o outro, hoje a capoeira aqui em Eunápolis, eu acho que antes era mais respeitada, bem antes. Hoje tá assim um sistema difícil hoje, de um pai colocar um aluno, um filho dentro de uma academia de capoeira, primeiro eu penso assim você tem que olhar uma aula para você saber quem é aquele professor, pois do jeito que o mundo tá hoje a gente, não é para a gente estar colocando nossos filhos em qualquer local para poder um professor de capoeira. E antes não, antes a capoeira era rígida, o cara estava ali, mas estava pagando, estava à vontade, os pais ia ,era mais frequente. Antigamente não tinha esse lance da gente, do Mestre ir lá entendeu, na escola para poder corrigir. Ele não fazia isso, que ele falava que quem tem que fazer isso aí era os pais. E hoje a gente faz isso entendeu, não aprendemos com ele entendeu, essa técnica de você ter seu filho, e no dia que você não puder ir na escola, você me ligar, falar assim: olha vai ter uma reunião e a gente tá lá, se o senhor não ir, a gente tá lá para conversar com seus filhos, aí tá lá, como é que tá o comportamento, que hoje aí escola hoje, é o comportamento, é a formação do indivíduo pro bem. Então, e daí para frente era assim, só que hoje, ela não tá bem vista como ela estava antes, entendeu?

VALTER: Você lembra-se de alguma situação de reclamação realizada formalmente da capoeira, alguma queixa em delegacia?

MESTRE EUDOCHIO: Não, não, e para você ter uma ideia, todas as vezes que tinha roda, a primeira coisa que encostava nas rodas de capoeira, na época era o carro da polícia, nós tinha aqui um camburão, que era aquela varonês antiga, era um camburão e três fusquinha e uma belinazinha, esses carros ficava tudo parado ali entendeu, assistindo a capoeira, é tu não tinha coisa de discriminação não. A capoeira aqui, ela nunca foi, na época do Mestre Walter, ninguém nunca foi na delegacia, porque era um cara, era um cara que tinham conhecimento, um conhecimento técnico, conhecimento profundo dentro do Judiciário, então era um cara que todo mundo gostava dele, os policiais de novo até os mais velhos gostava muito dele, então por isso não tinha assim como entendeu, ter assim reclamação de delegacia.

VALTER: As pessoas tinham um olhar preconceituoso com relação a prática da capoeira?

MESTRE EUDOCHIO: Isso é uma coisa que ainda existe ainda entendeu. Quem falar que não existe, ainda existe porque devido, ela foi uma arte agrícola, nascida e crescida dentro dos matos nos escondido e ela teve uma forma, ela teve uma forma de ser vigia dos candomblés, alguns capoeiristas entendeu, tomava conta para ninguém brigar dentro dos candomblé, e essas coisas, ela tem isso ainda, porque o pessoal hoje, a nossa raça hoje, a raça negra hoje, é um pouco é um pouco meio perseguida. Até mesmo hoje, o cara falar, “ah pôh tal e tal”, a gente tá vendo hoje, que é perseguição hoje, ela não tá só dentro da capoeira entendeu, mas ela tá dentro das políticas, das políticas públicas entendeu. E hoje a gente ainda sente ainda entendeu, que a gente ainda tem esse preconceito entendeu, esse o preconceito racial dentro do movimento da capoeira, quem falar que isso acabou, não acabou não.

VALTER: E no caso, como vocês reagiam diante desses olhares preconceituosos?

MESTRE EUDOCHIO: Era aquela coisa, a gente não olhava, porque a gente via que a gente estava certo do que a gente tava fazendo, sabendo que antes era uma luta proibida e hoje ela tá até dentro da faculdade, dentro das escolas pública, hoje ela tá nos largos, hoje ela tá nos quatro cantos do mundo. Ela não dividiu, ela não dividiu o ponto para tá, onde ela tá hoje, mas os olhares a gente nem percebia entendeu. Às vezes o olhar hoje, até hoje também, o olhar de um, de um camarada aqui, de um eu quero falar assim, de outro camarada que não

gosta, não gosta da capoeira, então a gente nem liga para esse olhar entendeu, a gente liga pelo que a gente está fazendo. Que a gente está sabendo que ele tá fazendo coisa para o bem, não tá fazendo para o mal, então as pessoas, eles tem que engolir a capoeira do jeito que ela é. É uma luta, é uma dança, tem que saber que, além de ser uma luta é uma dança, ela também mata, ela persegue também. A capoeira ela é que nem uma cobra, se ela for ameaçada, primeiro ela reage entendeu, a pessoa fala, o cara fala assim; “pô bixo”, como é que você vai se ver assim numa situação difícil dentro da capoeira?! Eu falo, eu procuro todos os jeitos de não colocar ela entendeu, no meio dos perigos. Porque ela já foi perigosa, hoje ela não é mais perigosa. Perigosa hoje são nós capoeiristas, mas a capoeira não é perigosa entendeu. Perigosa hoje são capoeiristas. Hoje o capoeirista ele tem um minuto para reagir e um segundo para fazer a bestagem, então é isso aí.

VALTER: Só pra finalizar, como é que foi a transição da capoeira privada, no caso a capoeira paga, para capoeira social, capoeira grátis. Como foi essa transição?

MESTRE EUDOCHIO: Na verdade, é isso aí que vem se perdendo aí ao longo do tempo, aí é de 90 para cá, de 92 para cá, de 91, no início da gente aí, a gente viu uma dificuldade que tinha um pai para colocar um filho dentro de uma aula de capoeira, e a gente via que aqui em Eunápolis tinha um outro Mestre que ele cobrava do aluno, e a gente ficava triste, porque na época era 15 reais, era 15 cruzeiro. 15 cruzeiro hoje na verdade, os roda de capoeira em Eunápolis hoje em algumas academias, eu dei aula na academia Vila, ali há uns dois anos por aí, lá era R\$ 45 reais. Hoje eu penso que pela essa mudança aí a gente como Mestre, a gente, a gente ia a ter se sente, até um pouco meio triste porque a gente somos um pouco responsável por isso, de abrir essa aula para essas pessoal, que eles pudessem ser formados através da capoeira de graça. Então, aí surgiu a necessidade de abrir o grupo, de abrir um grupo de uma associação e deixar que os pais colocassem seus filhos entendeu, para fazer capoeira, porque não tinha condição. Até hoje ninguém tem condição de pagar uma capoeira. Nem um adulto hoje, que às vezes trabalha, ele não vai ter tempo, porque às vezes um bujão hoje, tá R\$ 100,00 reais, R\$ 90,00 reais. Então ele não vai largar comida para o Neto, hoje ter uma faculdade, fazendo faculdade aí você vê que até na faculdade hoje, tem uma aula de capoeirazinha entendeu, por conta do Estado, mas não larga de ser de graça. E hoje a gente, a gente tá feliz com isso, a gente tá feliz porque, a gente tá vendo quem está salvando vida, através disso aí, porque hoje, a maioria dos alunos hoje, a maioria dos moleques aí, eles não sentem que eles têm que pagarem para fazer alguma coisa, eles querem de graça, e um de

graça que tem que pagar por ele, tem que pagar. Então essa transição dessa transformação para gente foi uma perda, mas em outro lado, a gente ganhou muito. Que hoje já pensou, você tem um filho, você não pode pagar aula de capoeira, não pode pagar porque tá estudando e tal, e aí chega:- “pôh”, quanto é que é?! Aí é R\$ 70,00 reais para fazer; Rapaz, qual é o menos?! R\$ 40,00. Aí você paga o primeiro mês, no outro mês já falha, por que?! As condições. Aí vem, o cara tem que pagar o local por isso que hoje o município abriu o espaço nas escolas pra capoeira. Hoje, hoje você vê que tá na faculdade, universidade tem capoeira, tá do próprio professor fazendo educação física tem lá as aulinhas dele. Dentro da faculdade de história, pela mesma forma, mesmo que o cara tá estudando sobre a capoeira, mas porém, ele tem uma “didaticazinha”, de ir lá dá uma ginga, quanto é que é, não rapaz vamos fazer aqui, tal e tal, vamos ajuda a faculdade jogar a Universidade. Então isso foi assim, um termo que foi ganho entendeu, para esse pessoal mais pobre, baixa renda. Hoje tem uma ideia hoje, você não vê um cara rico no centro fazendo capoeira, não vê. Hoje nós temos aqui alguns meninos que dá aula de capoeira no centro, chegar lá, você vê duas pessoas entendeu, pagando só pra eles dois, só fazer a capoeira. Não tem mais aquele número que tinha, quando você chega dentro de uma academia, dentro dum estabelecimento, você vê lá mais de 30 alunos, sem pagar nada. Aí o custo disso aí, você aprende a capoeira entendeu, desde pequeno lá com o camarada, aí no dia que você tá pronto, que você, que eu faço você, aí você vira as costas para o seu estabelecimento.

Então se a gente cobrasse desde o início, não acontecia isso não, ele fez isso, está pagando, aí porque ele tá pagando, ele vai ter o direito de fazer em qualquer lugar, que quiser. Então é isso, a perda pero um lado e a gente ganha do outro.

VALTER: Agradeço ao Mestre Eudochio, estamos finalizando aqui. Obrigado Mestre, pela entrevista.

ANEXOS

ANEXO A: Cartas enviada pelo Vice Moderador da Igreja Batista Canaã, o Senhor Valter Báfica Bonfim, com finalidade de captar recursos para construção de uma creche, um orfanato e um lar de idosos.

Eunapolis, 09 de março de 1988

Ilma. Sra.
D. Marly Sarney
M.D. Pte. da L.B.A.
D.F.- Brasília- Brasil

Prezada senhora.

Peço vênia para dirigir-me a V. Sa. e participar o seguinte: A Igreja Batista Canaã situada à Rua 02 de Julho nº 302 - / Centro- Eunapolis-Bahia, da qual sou membro e seu Vice-Moderador, vem / desenvolvendo nesta cidade e região, a propagação do Evangelho em obediência à Palavra de Deus, exarada no Evangelho segundo S. Marcos Capítulo 16 verso 15, quando Jesus Cristo disse: Ide por todo o mundo e / pregai o Evangelho a toda a criatura. Pois bem, além desse trabalho / que é o primordial, a Igreja tem dentre as suas organizações internas, a Sociedade Feminina Missionária que se incumbem inclusive da assistência social, distribuindo semanalmente alimentos, roupas, medicamentos, etc. a pessoas reconhecidamente necessitadas. As doações desses objetos à Igreja, são feitas pelos seus integrantes e também pelo comércio e Indústria local.

A Igreja agora está empenhada na construção de uma Creche, um Orfanato e o Lar dos velhinhos, em uma área de 10.000 M². / que lhe foi doada pelo fazendeiro Sr. Moisés Reis. Para a construção / dessas obras de tão grande valor e manutenção das mesmas, a Igreja não dispõe de recursos entretanto se sente impelida a realizá-las pois é / de imperiosa necessidade.

Quem sabe ? nós poderíamos contar com o apôio e a / presença de recursos da L.B.A. tão bem dirigida pela Ia. Dama deste / nosso grande Brasil. Estamos acompanhando através do rádio o magnífico trabalho que essa instituição vem fazendo por toda a parte, graças a / inteligente orientação do nosso líder Pte. Sarney.

Esta Igreja espera contar com o apôio da L.B.A. e / nós gostaríamos de receber em breve uma palavra de orientação sobre como deveremos proceder para a canalização de recursos.

Na esperança de uma resposta breve e satisfatória, antecipamos os nossos mais sinceros agradecimentos, subscrevendo-nos
Cordialmente.

Valter Báfica Bonfim-Vice Moderador
Res: Av. Ruy Barbosa 785-Centro
CEP. 45.826-Fone (073)281:1379
Eunapolis- Bahia.

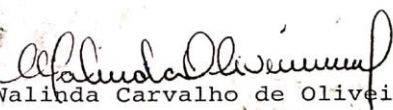
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
PALÁCIO DA ALVORADA

Brasília, 23 de março de 1988.

Igreja Batista Canaã,

A pedido de D. Marly Sarney acuso recebimento de sua correspondência datada de 09.03.88 e informo que o assunto foi encaminhado, através da SP/840, para exame e demais providências, a (o) Legião Brasileira de Assistência-LBA.

Cordialmente,


Walinda Carvalho de Oliveira
Secretária Particular da Primeira Dama

Eunapolis-Bahia, 09 de março de 1988

Exmo. Sr.
Ministro da Educação e Cultura
Ministerio da Educação
D.F. Brasilia-Brasil

Senhor Ministro.

Temos a grata satisfação de comunicar a V. Excia. que a Igreja Batista Canaã situada à Rua 02 de Julho nº 302 - Centro-Eunapolis Bahia, está fundando nesta cidade um Colegio Evangelico sob a denominação de EDUCANDÁRIO BATISTA DE EUNAPOLIS. Dispomos de um prédio com sete amplas salas com entradas independentes, além de uma consideravel área aberta para lazer.

Para a criação e manutenção desse Colegio, esperamos contar com o apoio do MEC e especialmente de V. Excia.

Atenciosamente.

Valter Báfica Bonfim
Valter Báfica Bonfim
Vice-Moderador da Igreja
End: Av. Ruy Barbosa 785-Centro
Eunapolis-Bahia.